



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM TEORIA PSICANALÍTICA**

CHRISTIANO ESTEVES CHAVES MOREIRA

O narcisismo e a etiologia das psicoses na metapsicologia freudiana

Belo Horizonte

2017

CHRISTIANO ESTEVES CHAVES MOREIRA

O narcisismo e a etiologia da psicose na metapsicologia freudiana

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de especialista ao Curso de Especialização em Teoria Psicanalítica – CETEP, do Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – FAFICH, Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.

Orientadora: Profa. Maria Teresa de Melo Carvalho

Belo Horizonte
2017

RESUMO

Pretendemos no presente trabalho perpassar os caminhos da construção do conceito de narcisismo em Freud, pontuando suas reformulações e consequências metapsicológicas no decorrer de sua obra, para, em especial, buscar evidenciar a relevância do conceito na proposta de uma etiologia das psicoses. Dessa forma, tentaremos percorrer a construção conceitual do narcisismo na obra de Freud e suas implicações na primeira teoria libidinal, com a consequente problematização do Eu que, a partir de então, além de fonte pulsional, tornando-se objeto da pulsão, culminará no surgimento da segunda teoria pulsional e, conseqüentemente, na segunda tópica, e em especial para o presente trabalho, no conceito de ideal do Eu.

Palavras-chaves: Psicose – narcisismo – teoria psicanalítica

ABSTRACT

In the present work, we intend to cross the paths of the construction of the concept of narcissism in Freud, punctuating his reformulations and metapsychological consequences in the course of his work in order to highlight the relevance of the concept in the proposal of an etiology of psychoses. In this way, we will try to go through the conceptual construction of narcissism in Freud's work and its implications in the first libidinal theory, with the consequent problematization on the Self that, from then on, as well as a drive source, becoming the object of the drive, will culminate in the emergence of the second instinct theory and, consequently, in the second topic, and especially for the present work, the concept of Ego ideal.

Key words: Psychosis - narcissism - psychoanalytic theory

De fato, pelo que me consta, não preciso de nada. Já aprendi a estar contente, a despeito das circunstâncias. Fico satisfeito com muito ou com pouco. Encontrei a receita para estar alegre, com fome ou alimentado, com as mãos cheias ou vazias. Onde eu estiver e com o que tiver, posso fazer qualquer coisa por meio daquele que faz de mim o que sou. Não quero dizer que a ajuda de vocês não significa muito para mim, porque significou. Foi algo belo a ajuda de vocês com meus problemas.

Carta de São Paulo aos Filipenses 4: 10-14

Nesse estágio intermediário, cuja relevância cada vez mais se impõe ao pesquisador, os instintos sexuais antes separados já se juntaram numa unidade e encontraram um objeto; mas esse objeto não é externo, alheio ao indivíduo, e sim o próprio Eu, já constituído por esse tempo. Considerando fixações patológicas desse estado, observadas mais tarde, nós o denominamos de narcisismo.

Freud em Totem e tabu

Quem ousaria implicar com os escolhidos de Deus, arrumando briga com ele? Quem ousaria ao menos apontar um dedo?

Carta de São Paulo aos Romanos 8: 31-39

Mas a partir daí tive a absoluta convicção de que a Ordem do Mundo exigia imperiosamente de mim a emasculação, quer isso me agradasse pessoalmente ou não e, portanto, por motivos racionais, nada mais me restava senão em reconciliar com a ideia de ser transformado em mulher. Naturalmente a emasculação só poderia ter como consequência uma fecundação por raios divinos com a finalidade de criar novos homens.

Presidente Schreber em Memórias de um doente dos nervos

SUMÁRIO

Introdução.....	06
1. A construção de um conceito	
1.1 Ensaio de Narciso.....	09
1.2 Leonardo e Narciso.....	16
1.3 Narciso e o ex-presidente.....	20
1.4 Totem, Narciso e Tabu.....	29
1.5 Narciso e Narciso.....	36
1.6 Narciso, o avaro.....	50
2. Narcose	59
Bibliografia.....	70

INTRODUÇÃO

Somente a partir das construções psicanalíticas de Freud sobre o conceito de narcisismo uma etiologia própria da psicose pôde ser concebida. De seu nascedouro nas reuniões da Sociedade Psicanalítica de Viena, passando pelas construções teóricas erigidas pelo mestre vienense, a ideia destacou-se, ganhou vulto, tornou-se conceito e atingiu função estruturante no edifício de toda a teoria psicanalítica. No curso de desenvolvimento esteve inicialmente relacionado ao homoerotismo, elevou-se ao *status* de estágio universal do psiquismo, passou pela capacidade de sublimação, ganhou estatuto sociológico e serviu como fundamento para a descrição de fenômenos psicóticos como a paranoia, a erotomania e a megalomania.

Restariam atingidos os objetivos deste texto se demonstrada, minimamente, a convergência da evolução do conceito de narcisismo, vindo a ocupar papel axial na metapsicologia, com a compreensão da etiologia das psicoses.

Percorrendo os anos entre as considerações iniciais, acréscimos e reformulações do conceito por Freud, encontra-se um ponto de inflexão de toda sua teoria sobre o qual emergiu um divisor de águas de sua metapsicologia, entre a primeira e a segunda pulsional, entre a primeira e a segunda tópica, o narcisismo seria, “de uma certa maneira, um parêntese no pensamento de Freud.” (Green, 1988, p. 10).

Em atenção à ordem cronológica adotamos como ponto de partida, na demonstração dessa construção conceitual, *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), onde o narcisismo possuía mera função metafórica, ou ilustrativa, não detendo ainda o que veio a se constituir com um estatuto conceitual próprio, embora seu aparecimento em texto de tal envergadura já sinalizasse a dimensão de seu alcance. Expomos ainda nesse tópico que as sucessivas reformulações do conceito em obras posteriores se fizeram sentir em diversos retornos adaptativos de sucessivas edições dos *Três ensaios*, que acabaram por modificá-lo substancialmente.

Dentre as reformulações nessa cronologia, já não mais como mera ilustração, mas em inédita condição de fase do desenvolvimento libidinal, o conceito emerge com protagonismo em *Uma recordação de infância de Leonardo Da Vinci* (1910), onde veremos Freud relacionar o narcisismo a uma homoafetividade sublimada (virtual), ligado à identificação com a mãe, conceito este que crescerá em importância na teoria.

No mesmo período, até 1911, sob a influência do narcisismo dois textos se destacam inovando e redimensionando a primeira teoria pulsional, *Concepção psicanalítica do transtorno psicogênico da visão* (1910), em que se opõem as pulsões de autoconservação e sexuais, e *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico* (1911), em que buscam então atribuir um “suporte pulsional para o Eu” (Mezan, 2003/2013, p.156).

Ato contínuo, ainda em 1911, Narciso ressurgiu mais uma vez remodelado e ganhando especial relevo com *O caso Schreber: Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia*, por excelência o texto paradigma para a história da compreensão das psicoses. Ali, já sobre os efeitos do embate travado com Jung e seu monismo pulsional, são sentidas as implicações do narcisismo sobre a teoria libidinal, quando o Eu passa também à condição de objeto libidinal, e com essa dinâmica Freud se propõe a explicar os mecanismos da paranoia a partir de uma relação narcísica. Autoerotismo e narcisismo agora se destacam como fases distintas e sucessivas do desenvolvimento psicosssexual.

Quando permeia *Totem e tabu* (1912-1913), o conceito é reformulado mais uma vez, ganha novo status, agora sociológico-universal como fator constitutivo das crenças dos povos primitivos, e onde também é abandonada parcialmente a ideia de uma mera fase passageira (delineada em *Leonardo* e também em *Schreber*) para se revelar como algo que se fixa como parte envolvida na estruturação do Eu, perene, que possibilita a unificação das pulsões, e o investimento da libido na própria imagem do Eu se torna o elemento fundamental para sua conservação.

Com *Introdução ao narcisismo* (1914), como o título indica, temos a obra icônica sobre o tema e a partir da qual confessadamente se fez sentir e reconhecer todo o impacto do conceito no conjunto da teoria psicanalítica, em especial sobre a teoria libidinal e na problematização do Eu. Aqui o narcisismo desocupa-se de uma mera fase evolutiva “anobjetal” para ocupar um espaço estrutural que nunca será ultrapassado completamente pelo indivíduo. Está então inaugurada a ideia de um narcisismo primário e outro secundário.

Em *Luto e melancolia* (1917), a partir da observação e oposição das dinâmicas comuns aos dois estados psíquicos frente à perda do objeto, Freud extrai o principal diferencial da melancolia como sendo a perda do amor-próprio, a substituição do amor objetal pela regressão da libido. Nessa diferenciação da reação à perda do objeto amado é destacada a importância dos processos identificatórios do Ideal do Eu como fruto do narcisismo secundário.

Tais reformulações e adaptações, em paralelo ao crescimento da importância do conceito de identificação para Freud (Simanke, 1994/2009), acabaram por afetar a teoria da

libido problematizando o Eu (Mezan, 2003/2013), há muito deixado de lado em sua teoria (Green, 1988 e Simanke, 1994/2009), trazendo-o ao epicentro do conflito pulsional pela via do *narcisismo infantil que terá como seu herdeiro o conceito de ideal do Eu*, produto da superestimação das figuras parentais e que restará, mais tarde, na origem do Supereu, por sua vez o “herdeiro do complexo de Édipo” (*O Eu e o Id* (1923), p.60.), se fixando como conceito de uma instância repressora fundamental à compreensão da etiologia psicótica.

Terão ainda como consequência última a *tournant* de 1920-1923 (Simanke, 1994/2009 e Mezan, 2003/2013), com a formulação da segunda teoria pulsional e, por conseguinte, a segunda tópica freudianas¹, estruturadas na trilogia formada por *Além do Princípio do Prazer* (1920), em que Narciso se *negativa* como pulsão de morte e em *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (1921), onde ganha novo status sociológico com o conceito de narcisismo das pequenas diferenças e, finalmente, consagra-se, em o *Eu e o Id* (1923) como responsável, através do Ideal do Eu, pela formação de uma instância psíquica autônoma, o Supereu (Simanke, 1994/2009), fruto de uma identificação primária relacionada ao narcisismo. A partir de então Narciso se dilui, e somente sobrevive “sob os auspícios do Ideal”. (Green, 1988, p.47).

Como vislumbrado acima, para viabilizar a proposta do presente trabalho fez-se necessária uma extensa excursão pela construção do conceito de narcisismo nas obras de Freud, demonstrando sua relevância e ineditismo para uma teoria etiológica das psicoses, excursão que, dada a vastidão da paisagem e incontornáveis paragens do pensamento freudiano, implicaria em sérios riscos sem a companhia de experientes guias, no que contaremos para essa jornada com as imprescindíveis conduções de *André Green* (Narcisismo de vida, narcisismo de morte, 1988), *Paulo César de Carvalho Ribeiro* (O problema da identificação em Freud: recalçamento da identificação feminina primária, 2000), *Reanat Mezan* (Freud: A Trama dos conceitos 2003/2013) e *Richard Theisen* (A formação da teoria freudiana das psicoses, 1994/2009).

¹ André Green (1988) defende a ideia que “não se pode aceitar a segunda tópica sem levar em conta a última teoria das pulsões.” (p.41) e que o “econômico remete à tópica”, (p.39).

1

A CONSTRUÇÃO DE UM CONCEITO

1.1 ENSAIOS DE NARCISO

Cum grano salis, e em brevíssima síntese, segundo Ovídio², na mais famosa versão do mito: Narciso, soberbo em beleza, recusou todo amor que lhe foi ofertado pelos efebos e pelas ninfas, e em particular, o da mais bela, Eco. Eco, a *ressoante loquaz, que ao ouvir não fica calada*, já havia sido amaldiçoada por Juno a fazer eterno *uso parvo da voz*, em punição pela sua cumplicidade no adultério de *seu* Júpiter. Como não bastasse, quis ainda Fortuna, também filha de Júpiter, que Narciso atravessasse seu caminho.³ Rejeitada por Narciso, Eco adoeceu, refugiou-se do mundo, enrijeceu como pedra e se amalgamou às grutas e às montanhas, já sem corpo, *só voz*.

Um dos desprezados suplica vingança aos céus e é atendido por *Ramnúsia*⁴, condenando Narciso ao mesmo destino que o próprio filho de *Liríope*⁵ impusera a todos seus amantes, amar sem nunca poder possuir o objeto amado. Estava cumprido assim o vaticínio dado à mãe de Narciso pelo mais famoso profeta de *Tebas, Tirésias*, que ao questioná-lo se o filho viveria até à senectude, respondeu: *Se não se conhecer*.

Após a fuga de Eco, “cansado de calor e caça”⁶, Narciso deitou-se sedento junto à fonte d’água e encontrou em seu próprio reflexo um objeto inatingível para amar e impossível de possuir, a si mesmo. Por não poder o ter, não pode separar-se deste objeto, “enquanto anseia a sede aplacar, outra nasce”, foi condenado a investir todo seu amor senão em sua própria imagem, renunciando amar ao próximo, “enquanto bebe, preso à bela imagem vista, ama objeto incorpóreo, sombra em vez de corpo” e assim morre de amor por si, torna-se a flor dos funerais.

² Conforme tradução de Raimundo Nonato Barbosa Carvalho, in *Metamorfoses em tradução*, 2010. Relatório Final apresentado como trabalho de conclusão de pós-doutoramento ao Programa de Pós-graduação em Letras Clássicas, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo - USP.

³ A menção à deusa *Fortuna* não consta no poema ovidiano.

⁴ Como a deusa *Nêmesis* era conhecida e cultuada em seu templo de *Ramnonte*, cidade da região da Ática. Em algumas traduções, encontramos até mesmo Afrodite.

⁵ Segundo os versos 340-45 do Livro III de *Metamorfoses*, belíssima ninfa, violada por Céfiso, que deu Narciso à luz.

⁶ Portanto Narciso sempre teve, antes do espelho, um objeto.

Em mera referência ao mito, sem maiores considerações teóricas, a primeira vez que a expressão narcisismo aparece na obra freudiana surge como nota de rodapé, utilizado apenas como recurso metafórico em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, e somente na reedição de 1910, sem qualquer menção no texto original de 1905.

O contexto de tal surgimento se deu por reflexo do tema então frequente nas discussões da Sociedade Psicanalítica de Viena (SPV): identificação, narcisismo e homossexualidade (Ribeiro, 2000).

As sucessivas reedições da obra em 1910, 1915, 1920 e 1924 receberam alterações de tal ordem que se tornaram objeto de críticas pela descaracterização ou deformação da proposta inaugural. Se, de um lado, tais críticas são atribuídas pelos desvios biologizantes da teoria inicial, fundada especialmente no aspecto aberrante da sexualidade, doutro lado, não podemos deixar de atribuir tais alterações em substancial parte à evolução e dimensão alcançada pelo conceito de narcisismo como o mais significativo vetor de transformação da teoria pulsional, sua forma particular de relação com a sexualidade e o mundo externo e suas decorrentes implicações nos destinos libidinais.

Ainda que tÍbio naquele momento, seu aparecimento em obra angular da Psicanálise pressagia a importância de seu destino, mesmo que em seu surgimento estivesse limitado como metáfora à identificação homoerótica.

Embora em 1905 nenhuma menção ao narcisismo ainda tivesse sido feita, no *Segundo ensaio*, em seção destinada às considerações sobre a *Meta sexual da sexualidade infantil*, as considerações sobre o autoerotismo, sobre a erogeneidade de todo o corpo e o estado anobjetal já despontavam como uma das características essenciais da sexualidade infantil, sendo o “chupar do dedo” seu acalentado protótipo: “Além disso, porém, e exatamente como no ato de sugar, qualquer outra região do corpo pode ser dotada da mesma excitabilidade dos genitais e ser elevada à condição de zona erógena. Zonas erógenas e histerógenas⁷ exibem as mesmas características” (1905, pp.88-89). A associação ao narcisismo nessa passagem seria reconhecida em nota de 1915, remetendo o leitor a então novel seção do Terceiro ensaio, *A teoria da libido*.

Vale relembrar também a partir do trecho acima que, em seus primórdios, o conceito ainda se encontrava fundido ao autoerotismo ou, ao menos, encontravam-se em zona cinzenta.

⁷ Conforme conceituam Laplanche e Pontalis in *Vocabulário de Psicanálise* (1967/2001): Determinada região do corpo que Charcot, e depois Freud, mostraram ser, em certos casos de histeria de conversão, sede de fenômenos sensitivos especiais; qualificada pelo doente de dolorosa, esta região revela-se, depois de examinada, libidinalmente investida, a sua excitação provocando reações próximas das que acompanham o prazer sexual e que podem ir até o ataque histérico.

Interessante observar ainda que, embora então não nominada, a escolha de objeto por apoio se encontra explicitada. Já se insinuava a substituição do seio pelo dedo da criança e, nesta passagem, à exceção do *impulso*, todas os demais elementos caracterizadores da pulsão já se encontravam: *Alvo, objeto e fonte*.

Por sua vez, como acima ventilado, em 1910, no primeiro ensaio, *As aberrações sexuais*, na seção sobre *Desvios no tocante ao objeto sexual* e subtítulo *Objeto sexual dos invertidos*, à época sob o predomínio dos debates na Sociedade Psicanalítica de Viena (SPV), Freud fez acrescentar em nota de rodapé:

Até o momento, a psicanálise não apresentou um esclarecimento completo da origem da inversão, mas desvelou o mecanismo psíquico de sua gênese e enriqueceu consideravelmente a colocação do problema. Em todos os casos investigados, constatamos que os futuros invertidos passam, nos primeiros anos da infância, uma intensa, mas breve fixação na mulher (geralmente a mãe) e, após superá-la, identificam-se com a mulher e tomam a si próprios como objeto sexual, ou seja, partindo do narcisismo, buscam homens jovens e semelhantes a si mesmos, que querem amar assim como a mãe os amou (p.34).

O filósofo Richard Theisen Simanke, em *A formação da teoria freudiana das psicoses* (1994/2009), observa que nessa nota, além do fato histórico do surgimento do termo na obra freudiana, seu aparecimento na tentativa de explicação da homossexualidade pressagia sua vinculação futura com a interpretação psicanalítica da paranoia, como será vista mais tarde em *Schreber* (1911).

Vale destacar o último parágrafo desse excerto que somente constou na edição de 1910, e foi suprimido nas posteriores:

Deve-se levar em conta, porém, que até o momento apenas um tipo de invertido submeteu-se à psicanálise: pessoas cuja atividade sexual estava geralmente paralisada, manifestando-se seu resíduo como inversão. O problema da inversão é sumamente complexo e inclui tipos muito diversificados de atividade e desenvolvimento sexuais. Cabe traçar uma rigorosa distinção conceitual entre os diferentes casos de inversão, conforme se tenha invertido o caráter sexual do objeto ou do sujeito. (p.137)⁸

Há de se reconhecer como significativa tal supressão. Simanke (1994/2009) especula a hipótese de uma percepção posterior de Freud de que toda inversão do objeto se origina de uma inversão do sujeito ou, melhor dizendo, que toda escolha objetual surge de uma

⁸ Referida nota consta na tradução para o português editada pela Imago – Três Ensaios sobre Sexualidade (1996), não transportada para outra mais recente, editada pela Companhia das Letras (2013), referência utilizada no presente trabalho.

subjetividade *determinada pela identificação*. Nesse ponto o filósofo recorre às *Teorias sexuais infantis* e descreve essa dinâmica:

Segue-se que, ao escolher outros homens jovens como parceiros, o sujeito escolhe não apenas ele mesmo como objeto, mas também a mãe preservada em seu aspecto fálico, na medida em que seus amantes também possuirão um pênis. Na verdade, escolhe ambos, na medida em que regrediu a um estágio em que o ego não se distingue do objeto. Forma-se, assim, uma tripla igualdade, em que os termos são ele mesmo, a mãe e o seu objeto homossexual, que faz que o sujeito reencontre apenas sua própria imagem, para onde quer que se volte. (Simanke/2009, p.127)

Se por acaso notada qualquer semelhança com a dinâmica descrita para a homossexualidade virtual descrita em *Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci* (1910) não seria mera coincidência.

Voltando a *Três ensaios*, em curto retorno a mesma nota em 1915, aparentemente em brevidade não condizente à dimensão do giro teórico que já redirecionava sua teoria da libido, mais uma vez *avant la lettre*, Freud retira a homoafetividade dos quadros da nosografia psíquica para inseri-la como uma posição fixada/adquirida no curso do desenvolvimento libidinal normal do indivíduo, associada ao narcisismo:

A investigação psicanalítica se opõe decididamente à tentativa de separar os homossexuais das outras pessoas, como um grupo especial de seres humanos. ... ela sabe que todas as pessoas são capazes de uma escolha homossexual de objeto e que também a fizeram no inconsciente.... Para a psicanálise, isto sim, a escolha objetal independente do sexo do objeto, a possibilidade de dispor livremente de objetos masculinos e femininos, tal como se observa na infância, em estados primitivos e épocas antigas, parece ser a atitude original, a partir da qual se desenvolvem, mediante restrição por um lado ou outro, tanto o tipo normal como o invertido.... Nos tipos invertidos, sempre se constata o predomínio de constituições arcaicas e mecanismos psíquicos primitivos. A vigência da *escolha narcísica de objeto* e a *manutenção* do significado erótico da *zona anal* aparecem como suas características essenciais. (p.35, destaques no original.)

Porém, antes do acréscimo à nota citada, após a publicação de *Schreber* em 1911 e *Introdução ao narcisismo* em 1914, quando já definido o conceito e reconhecidas (ainda que tacitamente) as interferências sobre a sua teoria libidinal, as desfigurações do texto tornaram insustentáveis as intervenções periféricas em notas de rodapé, donde fez emergir a necessidade de uma seção inteiramente nova se incluir no *Terceiro ensaio* da obra, *As transformações da puberdade*, justamente sob o título *A teoria da libido*, do qual nos interessa em especial o seguinte excerto:

Quanto aos destinos da libido objetal, podemos também verificar que ela é retirada dos objetos, mantida suspensa em estados especiais de tensão e finalmente reconduzida ao Eu, de modo a se tornar novamente libido do Eu. Também chamamos à libido do Eu, em contraposição à libido objetal, libido *narcísica*. Desde o ponto de observação da psicanálise olhamos como através de uma fronteira, cuja ultrapassagem não nos é permitida, para o agitado interior da libido narcísica e formamos uma ideia da relação entre as duas. A libido narcísica ou do Eu nos parece como o grande reservatório, do qual são enviados e ao qual retornam os investimentos objetais; o investimento narcísico do Eu, como o estado original, formado na primeira infância, que é apenas encoberto pelos envios posteriores de libido, mas no fundo se conserva por trás deles. (Pp.136-137)

Daqui a já inegável influência do narcisismo se fazia sentir sobre seu valioso dualismo pulsional, ao escrever sobre os *destinos da libido* e supor a existência de uma libido egóica e, em especial para o presente trabalho, da decorrente necessidade de investigação dos reflexos desses investimentos libidinais, ou fixações no Eu para a compreensão das psicoses:

A tarefa de uma teoria libidinal dos transtornos neuróticos e psicóticos deveria ser exprimir nos termos da economia da libido todos os fenômenos observados e processos inferidos. É fácil adivinhar que os destinos da libido do Eu terão nisso a importância maior, em especial quando se tratar de explicar os distúrbios psicóticos mais profundos. (P.137)

Na sequência, o que ainda seria reconhecido expressamente em *Dois verbetes para um dicionário de sexologia* (1923)⁹, Freud revela a dificuldade de distinção entre as “formas de energia” que operam no Eu, respondendo assim, de forma suspensiva, abrindo o flanco teórico a Jung e seu monismo pulsional, defendido em sua obra de 1912, *Símbolos da Transformação*, estopim da dissidência entre mestre e discípulo:

A dificuldade se acha, então, no fato de que o nosso meio de investigação, a psicanálise, provisoriamente nos fornece informações seguras apenas sobre as mudanças que ocorrem na libido objetal, mas não consegue separar sem problemas a libido do Eu e as outras energias atuantes no Eu. (p.137)

Tal embate encontrou ressonância na comunidade psicanalítica da época, conforme descreve Paulo César de Carvalho Ribeiro (2000, pp. 13-14):

O final da primeira década do século XX e o início da segunda é um período em que a identificação ocupa uma posição de destaque no pensamento psicanalítico, tornando-se um tema frequente nas discussões da Sociedade Psicanalítica de Viena (SPV), onde

⁹ Após estabelecido o novo dualismo pulsional de 1920, Freud assume que sua teoria das pulsões havia, nesta época, caído em uma perspectiva monista, se aproximando da libido de Jung, que tanto criticara.

Freud se reunia com seus discípulos nas quartas-feiras à noite. Identificação, narcisismo e homossexualismo são três temas correlatos que, com frequência ocuparam o centro das atenções dos primeiros psicanalistas no período mencionado. Sadger é o principal responsável pela introdução desses três temas no círculo de Freud...

Em 1908, seu interesse pelos casos de homossexualidade masculina conduziram-no a apresentar, perante seus colegas da SPV, suas impressões sobre a origem narcísica desse tipo de escolha sexual...o homossexual se admira através do desempenho simultâneo do papel da mãe e de si mesmo enquanto filho querido. Sadger associava assim três elementos: *narcisismo, amor objetal e identificação precoce com a mãe*.

Contudo, embora reconhecendo a importância dessas contribuições, Freud divergia de Sadger em relação ao tempo da ocorrência dessa identificação. Enquanto para esse a identificação, proporcionadora da “instauração” do homoerotismo, era concomitante aos primeiros investimentos objetais, para Freud era subproduto de um recalamento do amor da criança pela mãe, portanto após a descoberta do amor objetal por essa, e da reversão em amor dos sentimentos hostis anteriormente dirigidos aos seus “concorrentes” (outros meninos). Neste cenário, existiria uma fase caracterizada pela ausência de qualquer vínculo identificatório, que dada à ausência de percepção do outro, se deduz um amalgamento do outro ao Eu, o que só posteriormente comportaria a separação e identificação com o objeto. Paulo Ribeiro (2000, pp. 14-15) sintetiza:

Em resumo, a identificação precoce com a mãe, presente no centro da teorização de Sadger sobre o narcisismo, é completamente afastada da preposição freudiana. Esse deslocamento da identificação com a mãe para um período mais tardio do desenvolvimento psíquico talvez represente o primeiro passo rumo a uma concepção anobjetal do narcisismo primário em Freud.

Já era possível, portanto, divisar a reviravolta e os rumos da teoria libidinal pelo avanço do conceito de narcisismo. O primeiro dualismo pulsional fora severamente golpeado, o Eu como objeto da pulsão sexual contrastava com a ideia da pulsão do Eu submetida ao princípio da realidade. Tais constatações e suas consequências diretas já se espelhavam em sua obra, como veremos no capítulo seguinte e, concomitantemente, fizeram-se sentir nos retornos e alterações de *Três ensaios*.

A partir de 1914 o conflito é declarado aberto e *Nêmesis (ou Ramnúsia)* se faz sentir novamente presente ante Narciso, na punição de seus excessos e na restauração do equilíbrio.

De um lado o narcisismo, ou a hipótese de uma libido egóica ao lado das pulsões de autoconservação havia se tornado um flanco aberto nas construções teóricas freudianas sobre seu precioso dualismo pulsional, “base para a noção de conflito psíquico, que está na

compreensão freudiana das neuroses” (Simanke, 1994/2009, pp. 132-133) e assim Freud entendia como necessário “preservar, na teoria, a divisão da energia psíquica em duas vertentes completamente distintas: a libido sexual e a energia não-sexual das pulsões do eu.” (Ribeiro, 2000, p.30).

Por esse flanco, Jung se serviu justamente do narcisismo como um aríete para forçar a entrada de suas críticas amparadas na ideia de um monismo pulsional como energia psíquica em geral, na forma exposta em *Símbolos da transformação*, e segundo a qual a teoria libidinal freudiana haveria fracassado ao tentar explicar a esquizofrenia (Simanke, 1994/2009), uma vez que os efeitos de um Eu megalomaniaco e onipotente tornariam secundários os complexos sexuais do sujeito.

Doutro lado, Freud, utilizando sua consagrada metodologia de contraposição do funcionamento psíquico normal ao patológico, vale-se justamente do mesmo conceito para se municiar no duelo teórico com seu ex-discípulo suíço. É justamente a aplicação do narcisismo, na dinâmica da *reversão reflexiva* da libido ao Eu proposta por Karl Abraham (Freud, 1917c, p.549) aplicada à megalomania e estendida ao enamoramento por Freud (mais tarde à hipocondria, ao luto e à melancolia) que irá possibilitar a extensão das concepções psicanalíticas da teoria da libido para as parafrenias, designação na sua nosografia de então para a esquizofrenia e paranoia, assim como a problematização do papel do Eu nessas afecções, como veremos no decorrer do presente trabalho.

Ainda sobre os efeitos do narcisismo, em 1920 acrescenta na mesma seção o derradeiro parágrafo em que se pode antever a força da defesa de seu dualismo pulsional, ainda que desfigurado de sua proposta inicial. No trecho, o conceito de narcisismo já revela a projeção de seu alcance *para além* da teoria psicanalítica. O investimento bélico, no embate histórico-político deflagrado na primeira década do século XX, com Freud em oposição a Jung e a escola de Zurique, aponta aqui para seu alvo:

Por causa disso, uma continuação da teoria da libido só é possível atualmente pela via da especulação. Mas tudo o que a observação psicanalítica obteve até agora é abandonado, quando, seguindo o procedimento de C.G. Jung, fazemos o próprio conceito de libido se volatizar, identificando-o com o da força instintual psíquica simplesmente. (pp.137-138)

Como visto, *Três ensaios, per si*, em suas reedições, registra o nascimento e toda a revolução provocada pelo conceito do narcisismo na teoria psicanalítica.

No particular, na seção “enxertada” em 1914 ao *Terceiro ensaio* vista acima (A teoria da libido), duas últimas notas acrescentadas em 1924 ilustram de forma cabal as alterações induzidas pelo conceito na primeira teoria libidinal.

Referidas notas fazem referência às seguintes passagens (já citadas acima), sendo a primeira: “Desde o ponto de observação da psicanálise olhamos como através de uma fronteira, cuja ultrapassagem não nos é permitida, para o agitado interior da libido narcísica e formamos uma ideia da relação entre as duas.” (p.136). E, a segunda:

A dificuldade se acha, então, no fato de que o nosso meio de investigação, a psicanálise, provisoriamente nos fornece informações seguras apenas sobre as mudanças que ocorrem na libido objetal, mas não consegue separar sem problemas a libido do Eu e as outras energias atuantes no Eu. (p.137)

Por sua vez, ambas as notas trazem a seguinte observação sobre as citadas passagens:

Essa restrição já não tem a validade anterior, uma vez que outras neuroses além das “neuroses de transferência” tornaram-se também acessíveis à psicanálise em maior escala. (p.137)

A “invalidação” desses trechos indicada nas referidas notas se deve unicamente à irrefreável evolução do conceito que tornou possível “contemplar, como que por sobre uma fronteira” ou tornou possível “lançar um olhar sobre esse muro narcísico” (Freud, 1917c, p.561). São os efeitos dos *ecos* de Narciso.

1.2 LEONARDO E NARCISO

Sem tardar, mesmo que ainda inserido no contexto da explicação da homoafetividade, Narciso ressurgiu não mais periféricamente, mas já reclamando posição de destaque no elenco da teoria psicanalítica freudiana, com direito a participação coadjuvante no mesmo palco de seu personagem mais ilustre, Édipo, em *Uma Recordação de Infância de Leonardo da Vinci* (1910).

No texto, Freud se presta à análise remota do gênio florentino valendo-se, além de estudos biográficos, da sublimação impressa em seu legado intelectual e artístico. Também se serve de um fantástico relicário de escritos, diários, rascunhos, anotações mais ínfimas,

triviais e insuspeitas a quaisquer outros olhos, que não aos de um mestre da suspeita, para retirar-lhes uma coletânea de significações.

Precisamente entre manuscritos científicos deste “curioso Narciso” (Green, 1988, p.36) acerca do voo dos abutres, Freud destaca a erupção de uma trivial recordação da infância de Leonardo, a partir da qual se empenha em demonstrar o cunho homoerótico desta lembrança:

Parece que estava em meu destino me ocupar assim do abutre, pois me vem uma recordação muito antiga, de quando eu ainda estava no berço, em que um abutre desceu até mim, abriu-me a boca com sua cauda e bateu muitas vezes a cauda contra meus lábios. (p. 142)

Com tal intento, além do interesse do engenheiro renascentista pelo voo dos pássaros, Freud recorre a uma miríade de recursos e associações para a interpretação da singular lembrança: desenhos de anatomia humana (sexual, principalmente); esboços; projetos de engenharia; etimologia de palavras como *cauda* (*coda*, em italiano, símbolo e denominação substitutiva do membro masculino), *voo* (*vögel* como designação da atividade sexual do homem em alemão), *pássaro* (*ucello*, o pênis em italiano) e seus cognatos; o significado do voo nos sonhos e sua relação com o conto das cegonhas que trazem os bebês; mitologia egípcia (“a abutre deusa” *Mut*, ou mãe); cristianismo (uma “herege” analogia entre Maria e o Menino Jesus com a fecundação de *Mut*, sustentada como precedente pelos *Pais da Igreja* a fim de referendar/validar a concepção da Virgem através do Espírito Santo.); geografia (o local de voo de que partiria o grande pássaro, do “dorso do grande Cisne” ou Monte *Cecero*, próximo a Florença); nas escolhas de seus aprendizes (retratados em suas pinturas); biografias e, de forma especial, uma de suas obras mais consagradas, a pintura a óleo de *Sant’Ana com a Virgem e o Menino*, assim como esboços correspondentes. Tudo isso para surpreendentemente concluir tratar-se da identificação do abutre (*Mut*) com a mãe, e a cauda, ao invés do seio materno que o amamenta, com o pênis de uma mãe fálica, existente no imaginário da criança em momento anterior ao complexo de castração, conforme descrito em suas *Teorias Sexuais Infantis*.

Circunscrevendo à proposta do presente trabalho e deixando de lado, com pesar, as curiosidades de uma obra ímpar marcada pela liberdade do gênio criativo de Freud, destaca-se no texto a descrição da dinâmica psíquica, na qual Freud introduz, sutilmente, Narciso no complexo edípico. Propõe *Leonardo* como um caso de homoerotismo sublimado, ou virtual (*ideell*), em que a homoafetividade não adviria de suas relações sexuais propriamente ditas,

porém seria decorrente de uma “configuração psíquica determinada”, uma “atitude emocional” relacionada ao narcisismo e à identificação de sua genitora, e conclui que “não é a atividade real, mas a atitude emocional que determina se devemos conferir a alguém o atributo da inversão” (p.150).

Após esse estágio preliminar ocorre uma transformação cujo mecanismo conhecemos, mas cujas forças impulsoras ainda ignoramos. O amor à mãe não pode prosseguir acompanhando o desenvolvimento consciente, sucumbe à repressão. O garoto reprime o amor à mãe pondo a si mesmo no lugar desta, identificando-se com ela e tomando sua própria pessoa como modelo, à semelhança do qual escolhe seus novos objetos amorosos. Assim torna-se homossexual; mais precisamente, retorna ao autoerotismo, pois os garotos que o adolescente agora ama são apenas sucedâneos e reiteraões de sua própria pessoa infantil, que ele ama tal como sua mãe o amou quando criança. Dizemos que ele encontra seu objeto amoroso pela via do narcisismo, pois o mito grego chama de Narciso um jovem que amava acima de tudo sua própria imagem refletida, e que foi transformado na bela flor que tem esse nome. (p.167)

Como visto até aqui, embora ainda não formulada em sentença, já se encontrava nuançada a dinâmica *autoerotismo – narcisismo - amor objetal*, ao mesmo tempo em que expressos os emergentes (e crescentes) contrapontos da construção do conceito, como o paradoxo particularmente explicitado nesse trecho.

Vacilando as definições desde seu surgimento, como mecanismo psíquico de identificação com a mãe e seus objetos de amor responsável pela inversão, em dado momento como um caminho de retorno do amor objetal ao autoerotismo pelo qual o homoafetivo *regrediira/deslizaria-para-traz*, em outro se confundindo com uma fase anobjetal do desenvolvimento da libido, anterior à unificação das pulsões, paradoxalmente, quando não deveria haver o amor objetal (nem mesmo ao Eu); ora outra ainda sobreposto ao autoerotismo (Ribeiro, 2000, p.21) ou como “modo de escolha de objeto que resulta de uma fixação na fase autoerótica” (Simanke, 1994/2009, p.128), sobressai no texto em exame o narcisismo como subproduto do recalçamento do amor objetal pré-existente pela mãe seguido da identificação com ela, e também os objetos de amor dela, por reversão.

Simanke (1994/2009, p.125), atenta para o mesmo trecho e observa que as “complexas inter-relações entre narcisismo, identificação e escolha de objeto começam a ser delineadas aqui.”, e vê sentido nessa recorrente mistura teórica em diversas passagens referentes ao conceito pela obra freudiana até *Introdução ao narcisismo* (1914):

...sempre no sentido de destacar do autoerotismo infantil uma constelação psíquica distinta, que preceda – e, de certo modo, prepare - o aparecimento das relações

objetais propriamente ditas. De fato, é contra o pano de fundo do autoerotismo que a noção de narcisismo se constitui, e é em relação a ele que esta deve ser discutida. (Simanke, 1994/2009, p.124).

Green (1988) comunga em parte do entendimento, e da fluidez conceitual extrai um presságio:

Mas as dificuldades teóricas estão presentes desde o princípio. Do que é que se tratava até então? Do investimento em circuito fechado do Eu, do Eu originário nas suas relações com o auto-erotismo, anúncio de um narcisismo primário que viria a nascer na teoria; em seguida, da escolha objetal auto-erótica secundária ao recalçamento. (p.36)

Voltando ao texto de 1910, como vimos, com auxílio da retomada a um particular e “antigo interesse” (Ribeiro, 2000, p.19) pelo criador do *Homem Vitruviano*, Freud insere o narcisismo em Leonardo dentro da dinâmica psíquica, também como efeito da ausência do pai no complexo edípico:

Sem dúvida, também esse pai foi importante no desenvolvimento psicosssexual de Leonardo, não só negativamente, por sua ausência dos primeiros anos de vida do garoto, mas também de forma direta, por sua presença na fase posterior de sua infância. *Quem, quando criança, deseja sua mãe, não pode deixar de querer se pôr no lugar do pai, de identificar-se com ele na imaginação e depois fazer da superação dele a tarefa de sua vida.* (p.195, destaque nosso)

Contudo, como veremos, Freud se coloca entre teorizações com resultados diversos para um mesmo fenômeno, no caso, a ausência da figura paterna.

Paralelamente, em Leonardo são consolidadas suas formulações iniciais sobre a relação entre narcisismo, identificação e homoafetividade debatidas nas reuniões da SPV. Ribeiro (2000) resume o contexto:

Mas é a própria teorização sobre a origem da homossexualidade em Leonardo que melhor atesta a continuidade, no texto de 1910, do debate iniciado em 1908. Mais uma vez é a negação da identificação precoce com a mãe que preside, aparentemente sem que ele o saiba, o pensamento de Freud sobre o surgimento da homossexualidade masculina.

A ligação erótica intensa com a mãe é, segundo Freud, o traço comum observado em todos os casos de homossexualidade masculina, tanto por ele próprio quanto pelos discípulos envolvidos no estudo dessa modalidade de comportamento sexual, a saber: Sadger, Stekel e Ferenzi. Em todos os casos estudados, pôde-se observar um excesso de ternura por parte da mãe associada a uma fraca participação paterna durante os primeiros anos de vida. A presença de uma ‘mãe masculina’, frequentemente assinalada por Sadger em seus clientes homossexuais, é mencionada por Freud, que

prefere, entretanto, colocar ênfase na falta do pai e no efeito da influência feminina maciça sobre o futuro homossexual. (p.19)

Por fim, no que diz respeito aos efeitos dessa identificação com a mãe em decorrência da ausência do pai de Leonardo, uma passagem de *Uma recordação...* traz um desenlace inédito e curioso para essa falta da autoridade paterna no desenrolar do complexo parental:

Enquanto na maioria das criaturas humanas – tanto hoje como em tempos primevos – a necessidade de ancorar-se em alguma autoridade é tão imperiosa que o mundo começa a lhes tremer quando essa autoridade é ameaçada, Leonardo pôde prescindir desse sustentáculo. Não o teria conseguido não se tivesse aprendido a renunciar ao pai nos primeiros anos de vida. A audácia e independência de sua posterior pesquisa científica pressupõem a pesquisa sexual infantil não inibida pelo pai e lhe dão prosseguimento, excluindo a sexualidade. (p.198)

Como visto, Freud à época de *Leonardo*, é contundente em associar narcisismo e homoerotismo pela via da identificação da criança com a mãe (“em segundo tempo”, fruto do recalçamento do amor por ela, em oposição à identificação precoce/primária dos primeiros investimentos objetais proposta por Sadger) em concomitância à ausência ou “deficiência simbólica” do pai (Ribeiro, 2000, p.20)¹⁰.

E, como veremos a seguir, tal potência na defesa dessa posição já não se mantém em sua obra seguinte quando o narcisismo, embora ainda atrelado à homoafetividade, adapta-se e se insere na dinâmica da paranoia, na qual a presença maciça do pai, em oposição aos efeitos da ausência, não mais importa na “etiologia da homossexualidade” do filho.

1.3 NARCISO E O EX-PRESIDENTE

Como próprio do ritmo de produção na doutrina freudiana, ato contínuo à força do impulso inicial que já se vislumbrava a partir de suas primeiras aparições¹¹, o desenvolvimento do conceito dá uma nova guinada, sofre as consequências e é realçado com novas e precisas fronteiras em *O Caso Schreber* (1911).

Mesmo *en passant*, por pertinente vale a pena neste ponto retornar aos embates teóricos contemporâneos à publicação de Schreber. Diversos autores ao cuidarem da biografia

¹⁰ Para melhores detalhes sobre o *entrave* teórico entre Sadger e Freud na SPV: Sadger e o “narcisismo a dois”, in *O problema da identificação em Freud*.

¹¹ Talvez as “pedras de espera” a que se refere Lacan sobre a obra de Freud (Lacan, 1955-56/1988, p. 126.)

de Freud demonstram sua indissociabilidade da *história do movimento psicanalítico*, retratam seu notório empenho político no reconhecimento e estabelecimento da psicanálise como ciência para além das fronteiras do Império Austríaco e sobre as barreiras crescentes do antissemitismo. Para tanto, o renomado hospital psiquiátrico de Burghölzli, em Zurique, apresentou-se como o porto estratégico para a exportação de suas ideias.

Em ilustrada dissertação¹² Rafael Ribeiro Mansur Barbosa traça um sintético cenário deste encontro/desencontro entre a psicanálise e a psiquiatria, do qual nos serviremos das coordenadas para percorrermos um trecho de exuberantes paisagens.

Em Burghölzli, sob a direção de Eugene Bleuler, um dos pioneiros nas tentativas de “desmedicalização” da clínica psiquiátrica em prática, até então sob a hegemonia da nosologia de Emil Kraepelin, a psicanálise se encontrou com a clínica psiquiátrica ao mesmo tempo que também recebeu acolhida acadêmica, com Bleuler a indicar *A interpretação dos sonhos* (1900) aos seus subordinados, dentre eles os jovens psiquiatras Carl Gustav Jung e Karl Abraham.

Mesmo cuidando em evitar tautologias retornando ao embate entre Jung e Freud que veio a resultar no rompimento da até então fecunda relação, como já esboçado no item 1.1 deste trabalho, pela peculiaridade, e por tratar das surpreendentes forças subjacentes à origem deste debate, o puritanismo e a participação de um terceiro personagem (se não o principal), vale aqui a transcrição:

A própria noção de autismo, forjada por Bleuler, vem de um encobrimento da palavra auto-erotismo, como explica Jung em uma carta: “Para afastar o perigo do ‘pansexualismo’, bastara amputar o ‘éro(s)’ de ‘auto-erotismo’ chegando assim a ‘autismo’ ” (Roudinesco, 1989 p.127). (...) O termo autismo triunfaria na história da psiquiatria para designar o principal sintoma da esquizofrenia, qual seja, a polarização da vida mental do sujeito em seu mundo interno, numa perda de contato com a realidade. Surpreende, no entanto, que a aventura dessa contração semântica, com o intuito de excluir o sexual do domínio das psicoses, praticamente não seja mencionada nos manuais de psiquiatria. O saber psiquiátrico manteve o auto-erotismo ao lado do autismo, expelindo os vínculos históricos que uniam os dois termos, segundo Roudinesco (1989 p.127) “Batalha de palavras, guerra de conceitos: esplendida contenda, soberba hipocrisia!”. (Barbosa, p.22)

Nesse terreno vemos germinar aquilo que se tornará o motivo da cisão entre Freud e os psiquiatras suíços Jung e Bleuler, e também surpreende que seja da mesma natureza o motivo

¹² *Psiquiatria e psicanálise: para além de convergências e divergências*. Dissertação apresentada para obtenção do título de mestre ao Programa de Pós-Graduação em Teoria e Clínica em Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. (2013).

que os aproximou, o sexual. Citando Roudinesco, Rafael Barbosa chama a atenção para a história de um conflito que “foi revelador de um combate travado mais além dos protagonistas, entre a descoberta freudiana e a medicina psiquiátrica”.

Não podemos deixar de observar, com indisfarçável ironia, a pedra angular da psicanálise servindo como pivô nesse embate. Não é de se espantar, portanto, a irredutibilidade de Freud na defesa da força libidinal pois, diante de seus olhos, assistia prova viva de um *recalcamento científico*¹³.

Barbosa recorda (2013), por fim, que primeiro Bleuler e depois Jung e Abraham, dentre outros de Burghölzli, foram os pioneiros em adotar a teoria psicanalítica fora do circuito vienense, e talvez judaico, mais especificamente sua aplicação para a compreensão da sintomatologia da *dementia praecox*, assim como a importância da afetividade na regulação da vida psíquica. Bleuler chegou a publicar uma resenha de *Estudos sobre a histeria* (1895). Jung, em sua monografia, *Sobre a psicologia da demência precoce*, prestou reverências a Freud.

Em *Dois verbetes para um dicionário de sexologia, I Psicanálise* (1923), sob a expressão *Relação com a Psiquiatria*, Freud cuida em registrar para a posteridade o conflito, e sua convicção, com um epitáfio para a Psiquiatria de então, vaticinando sua futura refundação pela Psicanálise. (p.298)

E nesse contexto, retornando ao presente trabalho, cogente em explicar a paranoia à luz de seu primeiro dualismo pulsional e assim sustentar o imperativo universal da libido, o caso do ex-presidente da Corte de Apelação da Saxônia, Daniel Paul Schreber, surge após a publicação da primeira parte de *Wandlungen und Symbole der Libido* de autoria de Jung, no mesmo ano e mesma edição do periódico fundado por ocasião do Primeiro Congresso Psicanalítico Internacional de Salzburg, o *Jahrbuch für psychoanalytische und psychopathologisch Forschungen*, palco-testemunho da história de amor e abandono (ainda que ideal, como em *Leonardo*) entre estes dois homens. *Wandlungen I* (ainda seria publicada uma segunda parte após Schreber), chegou a ser recebido com entusiasmo por Freud, que deu declarações públicas a favor de “certas posições de Jung, ali manifestadas” (Barbosa, 2013, pp.26-27). Em *Schreber*, Freud faz menção à importância da investigação conjunta sobre os mecanismos da paranoia com seus “amigos C. G. Jung, de Zurique, e S. Ferenczi, de Budapeste” (p.79).

¹³ Sem embargo daqueles de sua própria construção teórica, portanto, não reconhecidos, v.g. conforme tratado na obra de Paulo Ribeiro, que também nos norteia no presente trabalho: O problema da identificação em Freud: *recalcamento da identificação feminina primária* (destacamos).

Neste *complexo*¹⁴, como por consequência, a interpretação psicanalítica das memórias do jurista Daniel-Paul Schreber vem a ser o texto paradigmático para a história da compreensão da etiologia das psicoses, “um encontro excepcional entre o gênio de Freud e um livro único” (Lacan, p.102, 1955-56/1988), e o faz recorrendo à associação do narcisismo com o “papel do desejo homossexual na sua formação” (Freud, 1911, p. 80).

Contudo, agora tal “mecanismo patogênico” (Simanke, 1994/2009, p.128) dependerá necessariamente de se destacar expressamente o narcisismo como fase do desenvolvimento libidinal diversa do autoerotismo:

Uma tal fase mediadora entre autoerotismo e escolha objetal talvez seja imprescindível normalmente; parece que muitas pessoas ficam nela retidas por um tempo insolitamente longo, e que muita coisa desse estado persiste em estágios posteriores de desenvolvimento. Nesse Eu-mesmo tomado como objeto de amor, os genitais podem já ser a coisa principal. O prosseguimento desse caminho leva à escolha de um objeto com genitais semelhantes; ou seja, através da escolha objetal homossexual, até à heterossexualidade. (Freud, 1911, p.81)

Assim Freud retira de Narciso o papel de fruto do recalque do amor da criança pela mãe, como visto em *Leonardo*, para fixá-lo em uma fase mais primordial e fundamental no desenvolvimento da libido, “nitidamente destacado do autoerotismo” (Simanke, 1994/2009, p.128) e anterior à escolha objetal, distinguido como uma fase de *unificação de seus instintos sexuais*:

Pesquisas recentes chamaram nossa atenção para um estágio, no desenvolvimento da libido, pelo qual se passa no caminho do autoerotismo ao amor objetal. Ele foi chamado de *Narzissismus*; eu prefiro o termo *Narzißmus*, talvez menos correto, porém mais curto e que soa melhor. Ele consiste no fato de o indivíduo em desenvolvimento, que unificou seus instintos sexuais que agem de forma autoerótica, a fim de obter um objeto de amor, primeiramente toma a si mesmo, a seu próprio corpo, como objeto de amor, antes de passar à escolha de uma outra pessoa como objeto. (1911, p.80-81)^{15 16}

Temos então o narcisismo dissociado dos fundamentos da escolha objetal homoerótica conforme a dinâmica de *Leonardo*, subproduto do recalque do amor pela mãe e de uma identificação, *a posteriori*, com ela mesma, para ser associado em *Schreber* à busca do semelhante. Semelhante este com gradientes de tons substancialmente contrastantes da

¹⁴ Segundo Laplanche e Pontalis (1967-2001), o termo complexo é atribuído, inclusive por Freud, à escola psicanalítica de Zurique. Em Introdução (1914, p.24), Freud faz esse reconhecimento.

¹⁵ Green, A. (1988, p.36) abre parêntese para interpretar que o neologismo criado por Freud se atribui a “razões de eufonia...narcisista.”

¹⁶ Sobre a preferência de Freud ao seu neologismo porque “soa melhor”, recomendamos novamente *Sadger e o “narcisismo a dois”, in O problema da identificação em Freud*, ob. Cit. p.13 (2000).

semelhança exposta em *Leonardo*, ou seja, da condição de objeto de amor fruto do recalque edípico, passa à busca de si mesmo. E, como uma constante na obra freudiana, o conceito “abandona o domínio exclusivo da psicopatologia e passa a integrar o desenvolvimento normal” do indivíduo, passando a uma fase necessária na qual, tendo a *pluralidade das pulsões parciais* encontrado uma unidade, o corpo, o Eu passa à condição de representação dessa unidade, se torna seu primeiro objeto total, e assim então entendido como fase necessária ao movimento que leva ao pleno amor de objeto. (Simanke, 1994/2009, pp. 128-129).

Dessa maneira, como faz *Narciso*, o semelhante é buscado na fonte, “que lhe devolve uma imagem que ele não reconhece, e pela qual se apaixona”¹⁷, fruto da unificação das pulsões autoeróticas, do “investimento em circuito fechado do Eu, do Eu originário nas suas relações com o auto-erotismo, anúncio de um narcisismo primário que viria a nascer na teoria.” (Green, 1988, p.36).

Com tal intento, ainda recorrendo ao homoerotismo e à predisposição à fixação, no mesmo parágrafo são reconhecidas as influências das “teorias sexuais infantis, que inicialmente atribuem os mesmos genitais a ambos os sexos”, advindas da catexia de um tempo “insolitamente longo” detido na fase narcísica, na qual esse “Eu-mesmo tomado como objeto de amor, os genitais podem já ser a coisa principal e que muita coisa desse estado persiste em estágios posteriores de desenvolvimento. ” (1911, p.81.). Já nas linhas subsequentes, é digno de nota um sutil *recall* do conceito nos alicerces de sua teoria sem, contudo, importar na admissão expressa de uma retificação ou reformulação:

Nos *Três ensaios de uma teoria da sexualidade* expressei a opinião de que cada etapa no desenvolvimento da psicosexualidade traz uma possibilidade de ‘fixação’ e, com isso, um ponto de predisposição. Pessoas que não se desprenderam inteiramente do estágio do narcisismo, ou seja, que têm ali uma fixação que pode atuar como predisposição à doença, acham-se expostas ao perigo de que um grande fluxo de libido, não encontrando outro escoamento, submeta os seus instintos sociais à sexualização, fazendo assim recuar as sublimações conquistadas no curso do desenvolvimento.

Como vemos, em nossas análises, que os *paranoicos buscam defender-se de tal sexualização de seus investimentos instintuais sociais*, somos obrigados a supor que o ponto fraco de seu desenvolvimento deve estar no trecho entre autoerotismo, narcisismo e homossexualidade, que ali se acha a sua predisposição à doença,

¹⁷ Green interpreta aqui *fonte* com sinônimo de origem, à qual retorna *Narciso* em relação a seus pais, *Céfiso*, deus dos lagos e rios, e *Liríope*, ninfa das águas. Ainda sugere o espelho de narciso com *Stix*, ou *Estige*, rio do *Hades* m cujas águas *Tétis*, mãe de *Aquiles*, o segurou pelo calcanhar e o mergulhou, a fim de lhe imantar com o dom da invulnerabilidade (Green, 1988, p.83.).

predisposição talvez suscetível de uma definição mais precisa. (pp.80-83, destaques do original)

Importante destacar aqui o ineditismo e a revolução teórica expressa pela “fórmula” inicial de Freud para a etiologia das psicoses, a aplicação do mecanismo de defesa do Eu também se revela próprio para a psicose, “o desejo-fantasia de amar um homem é o cerne do conflito na paranoia masculina”, como resume mais adiante (1911, p.83.), e o recurso metapsicológico para tal fim é o narcisismo (Simanke, 1994/2009, p.128.). O delírio é uma tentativa de cura, reconexão com a realidade. “O que consideramos produto da doença, a formação delirante, é na realidade, reconstrução.” (1911, p.94.).

Ao mesmo tempo avultam-se as contradições teóricas com a obra anterior, “não é mais o recalçamento do amor objetual que determina um retorno ao narcisismo e ao auto-erotismo, como no caso de Leonardo, mas, antes, o narcisismo é que determina a escolha objetual.”, como anota Paulo César de Carvalho Ribeiro (2000, p.25), e sobre as contraposições entre *Leonardo* e *Schreber*, o mesmo autor aponta que, dentre as diversas divergências entre os dois textos, a principal se destaca na gênese da homossexualidade *virtual* de Leonardo, em que a ausência de um pai nos primeiros anos de vida, apontado como elemento facilitador (ou mesmo determinante) da identificação feminina pelo renascentista, não coaduna com a *presença maciça de um pai na história* de Schreber (2000, pp. 23-24.). Em sequência, embora ainda reconheça “uma boa dose de esclarecimento sobre a distinção entre o caráter disperso do auto-erotismo e a função unificadora do narcisismo”, depura as seguintes conclusões:

Por não poder aplicar no caso de Schreber a fórmula ‘ligação erótica intensa com a mãe + ausência do pai = homossexualidade masculina’, Freud é levado a conceber uma outra explicação para a homossexualidade recalcada, supostamente responsável pelos distúrbios psicóticos do autor das ‘Memórias de um doente dos nervos’. O recurso à tese da bissexualidade psíquica – segundo a qual ‘todo ser humano oscila, ao longo da vida, entre sentimentos heterossexuais e homossexuais’ – vem recolocar em cena, no texto de 1911, um ponto de vista freudiano (oriundo das teorias de Fliess) que já existia bem antes dessa época. Entretanto no estudo sobre Schreber, esse ponto de vista antigo é relacionado ao conceito de narcisismo, elaborado naquela época, e utilizado por Freud como sua principal ferramenta na compreensão do surgimento da homossexualidade masculina... (Ribeiro, 2000, p. 24)

Não obstante tais contradições em Schreber o conceito reivindica de forma contundente sua posição na metapsicologia freudiana. Narciso reaparece promovendo profundas modificações na compreensão da teoria libidinal e apontando novas direções para a compreensão da paranoia através das relações do Eu (o Eu com o Isso e das relações do Eu com o Supereu, embora ainda não divisada a segunda tópica). Uma inédita possibilidade de

explicação etiológica do delírio, em seus aspectos dinâmico, econômico e tópico, com fundamento nas relações entre processos psicológicos, história pessoal e desenvolvimento do indivíduo. Mais precisamente, Freud se dispõe a compreender e explicar os mecanismos de formação da paranoia a partir da relação entre narcisismo, homoerotismo e, *in casu*, megalomania:

Na paranoia, no entanto, há indícios clínicos de que a libido retirada ao objeto recebe um emprego especial. Lembramos que a maioria dos casos de paranoia exhibe algum delírio de grandeza, e que o delírio de grandeza por si só pode constituir uma paranoia. Disso inferimos que na paranoia a libido liberada se volta para o Eu, é utilizada para o engrandecimento do Eu. Com isso atinge-se novamente o estágio do narcisismo, conhecido no desenvolvimento da libido, no qual o próprio Eu era o único objeto sexual. Por causa desse testemunho clínico supomos que os paranoicos trazem uma fixação no narcisismo, e dizemos que o recuo da homossexualidade sublimada ao narcisismo indica o montante da regressão característica da paranoia. (1911, p. 96)¹⁸

Ribeiro (2000) destaca que o “recalcamento das moções pulsionais de natureza homossexual e a formação de sintomas por projeção são, para Freud, os dois fatores essenciais de formação da paranoia... Dessa forma, o ódio que o sujeito dirige a seu perseguidor torna-se justificado: ‘Eu não o *amo* – eu o *odeio*, porque ele me *persegue*.’”, para Schreber, essa máxima está representada no caminho do amor ao ódio pelo seu caríssimo Dr. Flechsig. Lado outro, no que diz respeito à paranoia ciumenta da mulher, agora nas palavras de Freud, algo de modo inteiramente análogo se produz: “Não sou *eu* que amo as mulheres – ele as ama. A mulher ciumenta desconfia do marido em relação a todas as mulheres que a ela mesma agradam, em virtude do seu narcisismo exacerbado, predisponente, e de sua homossexualidade.” (1911, p.86.).

Simanke (1994/2009, p. 156-157) chama a atenção para o fato de Freud se valer aqui do mesmo método de analisar que virá a ser utilizado em *Uma criança é espancada* (1919), exprimindo em “uma sentença o conteúdo da representação conflitiva”, porventura o equivalente posterior que Lacan veio a chamar de *A frase simbólica* (Livro III, as psicoses, 1955-56/1988), e suas derivações/deformações de natureza gramatical, observáveis na clínica, principalmente na sintomatologia paranoica, que consistem, no fim, da negação de seu conteúdo: “Eu (um homem) o amo (a um homem). .. A partir daí, descortinam-se quatro maneiras de recusá-la, conforme seja negado o verbo, o objeto, o sujeito ou a sentença como um todo.”

¹⁸ Aqui já se encontra esboçada a ideia de reserva da libido e o prenúncio da onipotência do pensamento descrita em Totem e Tabu.

De volta ao Presidente, mais uma vez, por indissociável, retoma-se aqui à empreitada histórica de Freud, ante a já indisfarçável ambição de criação de uma nosografia psíquica própria edificada pela psicanálise¹⁹, talvez fruto também de seu empenho político, que assim já teorizava (ou arbitrava) sua própria divisão das psicoses:

Dado os estreitos vínculos da paranoia com a *dementia praecox*, não se pode fugir à questão de como uma tal concepção da primeira doença deve influir sobre a concepção da segunda. Considero bem justificado o passo de Kraepelin, de juntar grande parte do que antes se chamava paranoia com a catatonia e outras formas, numa nova unidade – para a qual a denominação *dementia praecox*, porém, foi uma escolha inadequada. Também à designação do mesmo grupo de formas como *esquizofrenia*, feita por Bleuler, seria de objetar que o nome parece aplicável apenas quando esquecemos do seu significado literal²⁰... Mais essencial, a meu ver, é que se mantenha a paranoia como tipo clínico autônomo, ainda que seu quadro frequentemente seja complicado por traços esquizofrênicos, pois do ponto de vista da teoria da libido ela se diferenciaria da *dementia praecox* por uma outra localização da fixação predisponente e um outro mecanismo do retorno [do reprimido] (formação de sintomas), tendo em comum com ela a característica principal da repressão propriamente dita, o desprendimento libidinal com regressão ao Eu. Penso que o mais adequado seria dar à *dementia praecox* o nome de parafrenia, que, de conteúdo em si indeterminado, exprime suas relações com a paranoia (cuja denominação não muda) e também recorda a hebefrenia, que se inclui na *dementia praecox*. Não seria relevante que esse nome já tenha sido proposto para outras coisas, pois essas outras utilizações não se impuseram. (pp. 99-100)

Dentre diversas vozes consoantes, Barbosa²¹ sustenta a crescente escassez no diálogo entre psiquiatria e psicanálise, relação que reputa outrora diferente, quando a última era o *principal ancoramento teórico* da primeira, atribuindo como fatores desse distanciamento *conjunturas políticas, sociais, culturais e pessoais* antes do que divergências teóricas, e exalta, apesar da ruptura, a importância do conflito Freud x Jung/Bleuler para a compreensão das psicopatologias e avanço de ambas as ciências:

Um dos momentos mais importantes na história do movimento analítico foi aquele em que a doutrina freudiana encontrou-se com a nosografia psiquiátrica através das histórias dos loucos. O conflito que opôs Freud a Jung pôs em cena esse momento decisivo. Jung foi colocado num sanduíche entre dois mestres (Bleuler e Freud), entre a psiquiatria e a psicanálise (Roudinesco, 1989). A leitura da correspondência entre Freud e Jung, segundo Roudinesco (1989), permite apreender a maneira pela qual a

¹⁹ Jaques Lacan atribui à *Abwehrhysterie* de Freud sua “primeira tentativa de fazer uma nosografia propriamente psicanalítica”. (ob. Cit., p.125.)

²⁰ “Alma cindida”

²¹ *Psiquiatria e psicanálise: para além de convergências e divergências*, dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de mestre ao Programa de Pós-Graduação em Teoria e Clínica em Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. (2013).

elaboração divergente da abordagem das psicoses, pela psiquiatria dinâmica, pela psicologia analítica e pela psicanálise, iria provocar a ruptura entre esses três homens. Segundo Roudinesco (1989, p.115), o conflito que opôs Jung a Freud entre 1906 e 1913, “foi revelador de um combate travado mais além dos protagonistas, entre a descoberta freudiana e a medicina psiquiátrica”.

Mais tarde, a psicanálise, que tem sua origem na clínica psicoterápica médica, passa a contribuir de forma contínua para as várias dimensões do campo psiquiátrico – nosologia, diagnóstico e terapêutica – ao oferecer uma teoria consistente sobre o funcionamento psíquico e sobre a constituição subjetiva, na qual “o sujeito enfrenta a cisão operada desde a sua fundação pelo inconsciente” (Ferreira, 2011 p.58). (Barbosa, p.9)

Retornando novamente ao nosso texto em exame, a partir deste ponto já se encontram esboçadas as primeiras linhas sobre a dinâmica e as diferenças dos investimentos libidinais no Eu e no objeto, em contraponto à “energia geral” de Jung, e seus impactos no equilíbrio econômico, a implicação do Eu, ensaios do que mais tarde será melhor formulado em *Introdução ao narcisismo (1914)*:

Abraham mostrou convincentemente que a característica do afastamento da libido do mundo externo é muito clara na *dementia praecox*. Dessa característica inferimos a repressão por desprendimento da libido. Também vemos a fase das alucinações turbulentas como uma fase de luta entre a repressão e uma tentativa de cura que pretende conduzir a libido novamente a seus objetos. Com extraordinária agudeza analítica, Jung percebeu nos delírios e estereotípias motoras da doença os restos de antigos investimentos objetais, obstinadamente retidos. Mas essa tentativa de cura, que para um observador é a própria doença, não recorre à projeção, como na paranoia, mas ao mecanismo alucinatório (histérico). Eis uma das grandes diferenças em relação à paranoia; ela é passível de explicação genética, por outro lado. O desfecho da *dementia praecox*, quando a afecção não permanece muito parcial, constitui a segunda diferença. Esse desenlace é, em geral, menos favorável do que o da paranoia; a vitória não cabe à reconstrução como nesta, mas à repressão. A regressão vai não apenas até o narcisismo, que se manifesta em delírio de grandeza, mas até o pleno abandono do amor objetal e retorno ao autoerotismo infantil. De modo que a fixação predisponente deve situar-se antes daquela da paranoia, deve estar no começo do desenvolvimento que vai do autoerotismo ao amor objetal. (pp.99-101)

Schreber revoluciona a teoria Freudiana, em especial a compreensão da psicose, valendo-se do narcisismo. No texto a dimensão conceitual do narcisismo já se encontra perfilada. Os elementos tópicos, econômicos e dinâmicos são descritos a partir da análise de um caso de paranoia, da qual se pôde desenhar os processos de um modelo de desenvolvimento libidinal extensível a todo indivíduo, cuja passagem obrigatória pelo estágio do narcisismo e as implicações decorrentes da experiência são determinantes para a construção de suas correspondentes estruturas psíquicas.

Como sabido, Narciso não se dará por satisfeito, é soberbo, desprezará outros amantes por seu caminho após Schreber:

É um texto absolutamente extraordinário, mas que só nos faz descobrir a via do enigma. Toda a explicação que ele nos dá do delírio vem com efeito confluír para essa noção de narcisismo que não está seguramente elucidada por Freud, pelo menos na época que ele escreve sobre Schreber. (Lacan, 1955-56/1988, p.109)

1.4 TOTEM, NARCISO E TABU

Elisabeth Roudinesco e Michel Plon classificam que “Ao lado de Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância e de Moisés e o Monoteísmo, Totem e Tabu figura entre os livros mais criticados de Freud” (Dicionário de Psicanálise, 1998). Não poderia ser diferente, Freud promove uma invasão aos terrenos da antropologia e sociologia fixando a bandeira do complexo de Édipo na origem da cultura (o que Jaques Lacan denominou como *A Lei*²²), hiperdimensionando a pretensão de alcance de suas teorias para muito além da psicanálise e apontando para a criação de uma *metapsicologia do social*.

Embora sustentasse ser a psicanálise uma ciência especializada e portanto incapaz por si mesma de construir uma *Weltanschauung*²³, uma vez encontrar-se aderida à *Weltanschauung* científica (Freud, 1933, p.322), o que se vê em *Totem e Tabu* é uma clara e enorme disposição da aplicação de uma *visão de mundo psicanalítica* a outros campos das ciências humanas, como confessado na introdução de seu último ensaio: “Se a psicanálise foi pioneira em descobrir a invariável sobre determinação dos atos e formações psíquicas, não devemos recluir que ela seja tentada a propor uma origem única para algo tão complicado como a religião.” (Freud, 1913, p. 155). Porém, uma vez que foge às restrições da proposta do presente trabalho adentrar nas discussões de mérito de tais pretensões, tentaremos somente um sucinto resumo.

O mestre de Viena, “na tentativa de aplicar perspectivas e resultados da psicanálise a problemas não solucionados da psicologia dos povos” (p. 14), divide a obra em quatro ensaios: *O horror ao incesto*, *O tabu e a ambivalência dos sentimentos*, *Animismo, magia e a onipotência dos pensamentos* e, por fim, *O retorno do totemismo na infância*.

²² “Se Freud insistiu a tal ponto no complexo de Édipo, que chegou até a constituir uma sociologia de totens e tabus, é patentemente porque para ele a Lei está ali *ab origine*.” (1966/1988, p. 102.)

²³ Visão de mundo, cosmovisão, mundividência.

Nos dois primeiros, vale-se de estudos de etnografia das sociedades primitivas, dando especial relevo à população aborígine australiana, para discorrer sobre os pontos de convergência entre a psicologia desses povos – conforme revelada nos estudos dos sistemas totêmicos de organização social e nos tabus que deles emanam, a psicologia dos neuróticos e o psiquismo infantil, conforme revelados na psicanálise.

Destaca que dos tabus, o horror ao incesto é praticamente onipresente tanto em sociedades antigas e primitivas quanto nas modernas, e conclui que à força de uma proscrição tão forte e perene, impõe-se reconhecer a existência de um desejo contrário igualmente forte, e perene (ainda que inconsciente). E é neste ponto de conexão que Freud articula o tabu da proibição com o desejo ao incesto e o psiquismo infantil do neurótico, as fixações incestuosas proibidas, nas sociedades primitivas e na infância dos neuróticos, seriam elementos comuns fundadores tanto da organização social humana quanto da vida mental inconsciente.

Freud ainda classifica e sistematiza os pontos de concordância entre as práticas do tabu e os sintomas neuróticos obsessivos, assim resumidos: “1. na ausência de motivos para os preceitos; 2. em sua reafirmação por uma necessidade interior; 3. em seu caráter deslocável e no perigo de contágio pelo proibido; 4. no fato de originarem ações cerimoniais, preceitos que advêm das proibições.” (p.57)

Um outro elemento caro à teorização da psicose freudiana também *retorna* em Totem e Tabu, o “elevado grau de ambivalência” é elemento comum da “vida emocional dos primitivos” e dos “achados da psicanálise”, e Freud faz convergir tabu e neurose obsessiva através do conceito de projeção:

A esse processo de defesa, que ocorre tanto na vida psíquica normal como na patológica, chamamos de *projeção*. O sobrevivente nega que jamais tenha abrigado impulsos hostis em relação ao morto querido; é a alma do falecido que agora os abriga e que durante todo o luto se empenhará em concretizá-los. (p.103)

Pouco mais adiante, retorna ao tema:

A hostilidade da qual o indivíduo nada sabe nem quer saber, é jogada da percepção interna para o mundo externo, é despreendida da própria pessoa e empurrada para outra. (p.105)

Sendo nosso escopo tentar demonstrar sucintamente a correlação da evolução do conceito do narcisismo em Freud e a compreensão da etiologia da psicose, torna-se imprescindível para nosso trabalho destacar a utilização dessa ferramenta conceitual por Freud em Totem e Tabu, relacionando-a ao animismo e narcisismo, quando antes mesmo

desse último, a projeção já era conceito fundamental para compreensão da etiologia das psicoses.

Antes de ser *dissecado* na *gramática Schreberiana*, o conceito de projeção já se encontrava descrito por Freud como fenômeno das neuropsicoses de defesa, que então incluíam a paranoia, no Manuscrito K, anexado à Carta 39 de 1896 (Simanke, 1994/2009, p.96), mais de uma década antes de *Totem e Tabu*, distinguindo os mecanismos de defesa por conversão, deslocamento ou projeção, como no caso da paranoia. Laplanche e Pontalis ainda dão destaque ao capítulo III de *Novas Observações sobre as psiconeuroses de defesa*, onde a projeção é descrita “como uma defesa primária, um mau uso de um mecanismo normal que consiste em procurar no exterior a origem de um desprazer. O paranoico projeta as suas representações intoleráveis que voltam a ele do exterior sob a forma de recriminações.” (Vocabulário da Psicanálise, 1967/2001, p.375).

Em seu terceiro ensaio, *Animismo, magia e onipotência dos pensamentos*, o qual mais interessa neste trabalho, Freud serve-se das grandes concepções antropológicas de mundo que descrevem o progresso civilizacional e faz um paralelo delas com o desenvolvimento libidinal do indivíduo. Ilustradas em renomadas obras de antropologia, sociologia, filosofia e psicologia da época (com destaques para as de *James George Frazer*, *Wilhelm Maximilian Wundt*, *Herbert Spencer* e *Edward Burnett Tylor*), tais concepções definiriam basicamente em três grandes fases o desenvolvimento do mundo civilizacional: a animista, a religiosa e a científica, e Freud as relaciona em proporção inversa à onipotência dos pensamentos:

Se aceitamos o referido curso das concepções do mundo da história humana, em que a fase *animista* é sucedida pela *religiosa* e esta pela *científica*, não nos será difícil acompanhar as vicissitudes da “onipotência dos pensamentos” através desses estágios. Na fase animista o homem atribui a si mesmo a onipotência; na religiosa, ele a cede aos deuses, mas não a abandona seriamente, pois reserva-se a faculdade de influir sobre os deuses de maneiras diversas. Na concepção científica do mundo não há mais lugar para a onipotência do homem, ele reconhece a própria pequenez e submete-se resignadamente à morte e às outras necessidades naturais. (p.139-140)

Ao animismo ainda, em especial, que Freud denomina no “sentido mais estrito” como “doutrina das almas, no sentido mais amplo, a dos espíritos em geral” (p.121), rende exaustiva exemplificação e conceituação e relaciona-o diretamente ao narcisismo, afinal, tal qual esse, “O animismo é um sistema de pensamento, ele não só explica um fenômeno particular, mas permite compreender o mundo como unidade, a partir de um ponto.” (p.124)

Por sua vez, retornando ao seu nicho, o *psicanalista primevo* sobrepõe em paralelo tais fases ao desenvolvimento libidinal, e assim subsume, sequencialmente, a fase animista ao

narcisismo primário, a fase religiosa ao estágio no qual a libido se fixa nos pais e, por fim, a fase científica à maturidade do indivíduo, na qual o sujeito renuncia a uma parte da busca exclusiva do prazer, subordinando a escolha de objeto ao princípio da realidade. Paralelamente, no processo civilizacional, a superação do animismo e da magia para a religião e então para a ciência, somente haveria se efetivado por força da renúncia pulsional exigida pela Lei, a cultura:

Se é lícito vermos, na demonstrada onipotência de pensamento entre os primitivos, uma evidência em favor do narcisismo, podemos arriscar uma comparação entre as etapas do desenvolvimento da concepção humana do universo e os estágios de desenvolvimento libidinal do indivíduo. Então a fase animista corresponde, tanto cronologicamente como em termos de conteúdo, ao narcisismo; a fase religiosa, ao estágio de eleição de objeto, caracterizado pela ligação aos pais; e a fase científica tem sua plena contrapartida no estado maduro do indivíduo que renunciou ao princípio do prazer e busca seu objeto no mundo exterior, adequando-se à realidade. (p. 142)

Ao fim do parágrafo, por nota de rodapé, complementa:

Limitamo-nos a observar, neste ponto, que o narcisismo original das crianças é decisivo para a concepção do desenvolvimento de seu caráter e que exclui a hipótese de um primitivo desenvolvimento de sentimento de inferioridade nelas.

O que vem aqui a propósito, é que do poder de superestimação do pensamento dos povos primitivos, constatado na magia e feitiçaria, consideradas como *técnica* do animismo (p.125), Freud extraiu seu êmulo perfeito de uma das fases do normal desenvolvimento libidinal humano, especialmente destacado e caracterizado igualmente pela onipotência do pensamento, o narcisismo:

Rastreando a evolução das tendências libidinais no indivíduo, de sua configuração adulta até os primórdios na infância, vimos uma importante diferença, registrada nos *Três ensaios de uma teoria da sexualidade*, de 1905. As manifestações dos instintos sexuais podem ser observadas desde o começo, mas eles não se dirigem ainda para um objeto externo. Cada um dos componentes instintuais da sexualidade trabalha por si na obtenção do prazer, e acha sua gratificação no próprio corpo. Esse é o estágio do autoerotismo, que é sucedido pelo da escolha do objeto.

O prosseguimento do estudo mostrou ser pertinente, e *mesmo indispensável, incluir um terceiro estágio entre esses dois*, ou, se preferirmos, decompor em dois o estágio do autoerotismo. Nesse estágio intermediário, cuja relevância cada vez mais se impõe ao pesquisador, *os instintos sexuais antes separados já se juntaram numa unidade e encontraram um objeto; mas esse objeto não é externo, alheio ao indivíduo, e sim o próprio Eu*, já constituído por esse tempo. Considerando fixações patológicas desse estado, observadas mais tarde, nós o denominamos de *narcisismo*” (p.140) [destaque nosso].

Paulo César Ribeiro (2000, p.29) aponta um vácuo existente entre a publicação de Schreber (1911) até o retorno ao tema em Totem e Tabu (1913), e registra uma peculiaridade no trecho acima acerca da temporalidade da relação entre autoerotismo e narcisismo: a divisão do autoerotismo em duas partes, um autoerotismo propriamente dito (*latu sensu*) e o outro narcísico, conforme proposto na obra de 1913.

Se por um lado é inoportuno tratar aqui do notório impasse sobre a incoerência da proposição da pré-existência do narcisismo à escolha objetal (uma vez que no primeiro já se pressupõe um objeto, o eu), de outra ponta devemos destacar mais uma constatação trazida à luz ao se identificar a influência da onipotência do pensamento na origem das crenças no animismo, que se trata, ao fim, de mais um conceito caro à psicanálise: a realidade psíquica. Sustentada pelos desejos inconscientes é ela a responsável por essa superestimação do pensamento, que somente será parcialmente superada, jamais totalmente abandonada, deixando marcas indeléveis, e também necessárias, no indivíduo.

Neste ponto, Freud evolui novamente o conceito e nos apresenta o narcisismo não mais como um subproduto do recalçamento do amor objetal pela mãe e da identificação com essa, como em *Leonardo*, nem como produto de uma fixação em si e determinante para a escolha objetal semelhante, como em *Schreber*, mas como uma fase obrigatória no desenvolvimento libidinal e responsável pela estruturação do Eu através da unificação das pulsões.

...já suspeitamos que a organização narcísica jamais será abandonada inteiramente. O ser humano continua narcísico em certa medida, mesmo depois de encontrar objetos externos para sua libido; os investimentos objetais que ele realiza são como que emanções da libido que permanece no Eu, e podem ser novamente levados para ela. Os estados de enamoramento, psicologicamente tão notáveis, e que são os modelos normais das psicoses, correspondem ao mais alto grau dessas emanções, comparado ao nível do amor ao Eu.

Podemos agora ligar ao narcisismo, e apreender como parte essencial deste, a elevada estima – a superestimação, de nosso ponto de vista – que primitivos e neuróticos atribuem aos atos psíquicos. Diríamos que nos primitivos o pensar ainda é, em grande medida, sexualizado, daí se originando a fé na onipotência dos pensamentos, a inabalável confiança na possibilidade de controlar o mundo e a impermeabilidade às simples experiências que poderiam instruir o homem sobre seu verdadeiro lugar no mundo. (p.141)

No derradeiro ensaio, no qual se faz sentir marcante influência da *Origem das espécies*, a então impactante e revolucionária obra de Charles Darwin, Freud retoma dos três primeiros os elementos convergentes identificados na psicologia dos povos selvagens e revela a origem comum entre totemismo e tabu. As proibições do tabu corresponderiam exatamente

às leis básicas do totemismo: não matar o animal totêmico e não praticar relações sexuais com o membro do sexo oposto do mesmo clã totêmico. Também registra a coincidência de tais enunciados com os desejos infantis envolvidos no complexo parental responsáveis pelo núcleo das neuroses, e dessa convergência extrai sua hipótese para a origem da proibição universal do incesto, intrinsecamente relacionada à psicologia dos neuróticos e das crianças.

Para tanto, especula a ideia da existência de uma horda ancestral comum, liderada por um pai “violento e ciumento, que reserva todas as fêmeas para si e expulsa os filhos quando crescem” (p. 216), e que, “certo dia”, estes “irmãos expulsos, se juntaram, abateram e devoraram o pai, assim terminando com a horda primeva.” (p.216).

Assim estaria então montado o palco do parricídio originário identificado como gênese do mito totêmico, engendrador da culpa, do remorso derivado da proteção/segurança que o pai primevo também ofertava, e que, por sua vez, levará à internalização e simbolização da lei e da cultura, dos preceitos inaugurais do tabu que levarão à religião e à moralidade.

Com esse enredo, Freud inclui o complexo paterno na origem da civilização. Não passa despercebida que toda e qualquer semelhança com a cosmogonia exposta na *Teogonia* de Hesíodo não é mera coincidência.

Prosseguindo a narrativa, ato contínuo ao banquete canibal surge o ritual da refeição totêmica, o processo de identificação dos assassinos entre si (como iguais, vulneráveis) e também com o assassinado, de apropriação de seus poderes, que somente depois de morto, como dito acima, é ingerido, interiorizado, simbolizado como pai. A repetição ritualística da refeição traz a lembrança simbólica do parricídio, a única possibilidade de transgressão das proibições totêmicas de matar/tocar o totem e do incesto, assim como nos rituais dos neuróticos obsessivos, o que faz lembrar a interdição principal e núcleo das neuroses, o *délire de toucher*²⁴. (p.54)

O ato criminoso, assim, seria o fundador da civilização. O sangue derramado, ao invés de permitir o acesso dos assassinos às fêmeas proibidas, promoveu a interdição, implicou na percepção da igualdade entre eles, mediante a constante possibilidade do assassinato entre si, e o pai morto redimensionou seu poder e fez estabelecer um sistema de organização simbólica da sociedade, promovendo a ruptura do mundo natural para o da cultura, sendo o totemismo daí surgido a forma mais elementar de religião, alicerçada na culpa e na renúncia.

E do mesmo cenário primordial hipotético, de elementos “comuns” aos vestígios de infância dos neuróticos, mais precisamente do complexo edípico, surge o ‘significante’

²⁴ Medo do toque.

paterno, que se organiza simbolicamente e inaugura a lei, transcendente, desprovida de atributos naturais ou qualquer elemento externo que a justifique, autorreferente, tal qual o imperativo categórico de *Emanuel Kant*.

O irrenunciável pendor polêmico atinge seu ápice quando Freud prossegue apontando a eucaristia como um dos resquícios sociais do totemismo, dos vestígios de uma “passagem” do clã primitivo à organização família tradicional, como o sucedâneo da refeição totêmica. Temos ao final de *Totem e Tabu*, como inicialmente dito, o complexo de Édipo socializado, fixado na origem da cultura e da religião.

Infelizmente, sob o risco de nos perder na magnitude de *Totem e Tabu* e desviarmos de nosso propósito, retornemos ao que aqui interessa.

Como já explanado, no que é pertinente ao tema aqui explorado, Freud ao analisar os tabus dos povos primitivos constata convergências com diversos costumes da sociedade da época e apresenta ao longo da obra uma superposição, uma subsunção entre a psicologia dos povos primitivos e a psicologia dos neuróticos, onde diversos pontos se identificam, principalmente em relação à neurose obsessiva, um símile da transgressão ritualística das proibições totêmicas.

Dessa forma destaca como elementos principais comuns aos tabus de qualquer ordem o animismo (em que objetos são animados por espíritos ou demônios), a magia ou feitiçaria (pretensões originadas da necessidade de controlar a natureza com rituais ou controlar os espíritos) e a onipotência dos pensamentos (crença na realidade do pensamento, em seus desejos, como um bebê que se satisfaz alucinatoriamente), ressaltada essa última como elemento tributário do narcisismo primário. Por sua vez, tais conclusões levam Freud a mais um ponto comum entre os processos do desenvolvimento libidinal e as crenças primitivas, o abandono gradual do narcisismo pela inclemente força da realidade:

Portanto, a primeira realização teórica do ser humano – a criação dos espíritos – teria nascido da mesma fonte que as primeiras restrições morais a que ele se sujeitou, os preceitos dos tabus....Se foi realmente a situação do sobrevivente em relação ao morto que o tornou reflexivo, que o obrigou a ceder uma parte de sua onipotência aos espíritos e sacrificar algo do livre-arbítrio de sua conduta, então essas criações culturais seriam um primeiro reconhecimento da *'Dngkh* [necessidade] que se opõe ao narcisismo humano. (p.146)

Vemos aqui o narcisismo se adequando a serviço do princípio da realidade, e nesse momento já é possível antever a reviravolta que provocaria a introdução do conceito na metapsicologia freudiana, pela possibilidade de um retorno ao narcisismo primário pelo indivíduo, do desejo inconsciente de retorno à onipotência, da pulsão à completude ilusória,

ao estado anobjetal, apontada e resumida tal direção na suspeita lançada pela última frase do citado parágrafo: “O primitivo se inclinaria ante a supremacia da morte com o mesmo gesto que parece negá-la.” (p.147)

Deste pequeno excerto se divisa mais uma vez o impacto do conceito de narcisismo na revolução da teoria freudiana, fazendo surgir seu segundo dualismo pulsional e a segunda tópica, respectivamente, com a introdução do conceito de *Pulsão de morte* em *Além do princípio do prazer* (1920) e do Superego em *O Eu e o ID* (1923), e suas conseqüentes implicações na compreensão da estrutura psicótica, para a posterior inscrição da psicose como categoria nosográfica própria na psicanálise.

1.5 NARCISO E NARCISO

Narciso se reconhece nas águas de *Introdução ao narcisismo* (1914), onde o conceito encontra *minuciosa definição de seu perfil e passa a integrar “oficialmente” o arsenal teórico da psicanálise*²⁵, embora não ainda dimensionada totalmente sua profundidade e efeitos. Como sugere o título, Freud corre a fazer reconhecer o impacto de sua introdução no conjunto da teoria psicanalítica, em especial sobre a teoria libidinal e na problematização do Eu.

Como já esboçado no item 1.1 deste texto, por volta da primeira década do século XX, a partir dos debates predominantes à época na SPV²⁶ em torno de homossexualidade e identificação que emergiu o conceito de narcisismo na psicanálise. Com esse cenário e personagens, embora nas primeiras linhas atribua ao criminologista *Paul Näcke* a primazia sobre o uso do termo narcisismo, somente em 1920, em nota de rodapé acrescentada aos *Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, Freud retifica a informação rendendo à *Havelock Ellis* a primazia no emprego do termo na psicanálise. Registra tal fato o verbete correspondente ao narcisismo no *Vocabulário de Psicanálise* (1967/2001), e igual primazia ao termo autoerotismo (hífen no original) é também atribuída a *H. Ellis* no *Dicionário de Psicanálise* (1998), que, doutro lado, atribui o uso de termo narcisismo “pela primeira vez em 1887, pelo

²⁵ R. T. Simanke atrela às deficiências teóricas ao tempo de *Introdução* ao fato da ainda insuficiente elaboração da teoria do complexo de Édipo (2009, p.130 e 134).

²⁶ Sociedade Psicanalítica de Viena.

psicólogo francês Alfred Binet (1857-1911), para descrever uma forma de feticchismo”, somente após usado por Havelock e então introduzido no alemão por Näcke (ob. Cit. p.530.).

No mesmo biênio dos relatos “clínicos” de Leonardo e Schreber, que já perturbavam o primeiro dualismo pulsional apontando o Eu como objeto da libido e preservando-o como fonte das pulsões de autoconservação, duas obras consentâneas cuidam em reforçar e distinguir tais ideias na metapsicologia: Concepção psicanalítica do transtorno psicogênico da visão (1910) e Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico (1911) buscam assim atribuir um *suporte pulsional para o Eu* ao identificar as pulsões de autoconservação como pulsões do Eu (Mezan, 2003/2013, p.159).

Segundo Simanke (1994/2009, p.132/133), em face dos impasses teóricos surgidos com o conceito de narcisismo, implicado na hipótese de uma pulsão sexual do Eu ao lado de outra pulsão egoica não sexual, que se aproximava do monismo proposto por Jung, o que abalaria os alicerces de seu primeiro dualismo pulsional, Freud se propõe no texto de 1914 a responder tais questionamentos, ao mesmo tempo em que ratifica a imperiosidade da dualidade do conflito pulsional. Só que agora, no palco, não se trata “de um combate entre sistemas psíquicos – inconsciente de um lado, pré-consciente e consciente de outro – passou a ser encarado como oposição dinâmica entre pulsões”(Simanke, 1994/2009, p.159), fazendo acrescentar assim, dentre outras referências, a grandeza econômica à dinâmica pulsional.

Ainda de acordo com Simanke (1994/2009, p.130/134), no texto o primeiro passo de Freud é desvincular definitivamente o narcisismo da *patologia sexual* (homossexualidade) e, confirmando-o como fase evolutiva universal, especialmente, se propor a responder algumas questões: a relação entre autoerotismo e narcisismo; a razão da hipótese de uma pulsão egoica não sexual (autoconservação) convergente com a pulsão libidinal e ainda sustentar seu dualismo pulsional e, por fim, situar topologicamente o Eu dentro dessa nova dinâmica e economia psíquica.

A introdução do conceito e seu respectivo ensaio além de vir a se tornar a baliza para a futura guinada teórica freudiana, proporcionou a saída do *corner* de Freud no embate travado com C.G. Jung e a escola de Zurique.

Jung, por não ter encontrado aplicação teórica da primeira teoria pulsional na esquizofrenia, cuja libido objetal seria insignificante, ou mesmo por sua conhecida resistência ao papel central da sexualidade da teoria freudiana, dissentiu dessa em direção à ideia de uma energia psíquica única, força pulsional psíquica em geral, *appetitus*, em oposição ao precioso dualismo de Freud, como elemento indispensável ao conflito psíquico, também não menos

imprescindível à sua teoria, o que veio a culminar no rompimento definitivo de 1912 (época da publicação de *Símbolos da libido II*, de Jung).

Nesse contexto, *Introdução ao narcisismo* emerge como fruto do reconhecimento aos abalos sofridos na teoria psicanalítica pelo surgimento do conceito, uma tentativa de correção da rota que, de um lado, transfigurava o primeiro dualismo pulsional descrito em 1910 em *A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão*, contudo, sem ainda apontar a segunda alternativa, e de outro trazia para o centro do palco do conflito o Eu, não mais o Eu da psicologia corrente, uma *massa ideacional consciente*, polo do conflito em busca da conservação da vida, agora o Eu é simultaneamente objeto e fonte da pulsão.

Assim, premido por tais circunstâncias, o narcisismo finalmente ganha status conceitual com direito à distinção de um ensaio metapsicológico próprio (feito consagrado a poucos outros na obra freudiana), e é introduzido em definitivo ao conjunto da teoria psicanalítica, tornando-se um dos conceitos centrais para sua compreensão e elemento crucial ao seu desenvolvimento.

Há agora uma redistribuição das pulsões sexuais em que o Eu também se torna objeto de investimento libidinal em paralelo com o objeto externo e essa nova dinâmica e economia dos investimentos traz, por consequência, o aparecimento da ideia de refluxo da libido, em um sistema entrópico, de frágil equilíbrio econômico, em relação de complementaridade, onde o aporte libidinal de um termina por enfraquecer o outro e vice-versa (Simanke, 1994/2009, p.131).

À sombra dos já intangíveis paradoxos decorrentes de um narcisismo anobjetal, em que o Eu seria objeto de investimento libidinal antes mesmo de uma escolha objetal, Freud tece a pergunta, “*que relação há entre o narcisismo, de que agora tratamos, e o autoerotismo, que descrevemos como estágio inicial da libido?*” Ele mesmo responde:

...é uma suposição necessária, a de que uma unidade comparável ao Eu não existe desde o começo no indivíduo; o Eu tem que ser desenvolvido. Mas os instintos autoeróticos são primordiais; então deve haver algo que se acrescenta ao erotismo, uma nova ação psíquica, para que se forme o narcisismo. (Pp.18-19)

O narcisismo, então, desvincula-se em definitivo de uma fase evolutiva anobjetal, autoerótica *latu sensu*, ainda que já divisada a possibilidade de que “*Uma tal fase mediadora entre autoerotismo e escolha objetal talvez seja imprescindível normalmente*” (1911, p.81.), desvincula-se também de um conceito de relação exclusiva com as psicopatologias sexuais, como suspeitado em Leonardo e relativizado em Schreber, e passa a ocupar um espaço estrutural no desenvolvimento psíquico, que nunca será ultrapassado completamente pelo

indivíduo, deixará restos e retornará, sempre revivido e por isso constatável em evidências diversas na vida adulta, o que vem a inaugurar a ideia de um narcisismo secundário, uma estrutura permanente do sujeito, construído com base em um narcisismo primário, fonte do desejo de retorno ao processo primário anobjetal.

Feita essa diferenciação de “fases”, o passo seguinte é ainda sustentar o conflito pulsional e a teoria da libido, e para tanto são *necessários e suficientes apenas dois elementos, o Eu e sexualidade*, já constatados nos *sintomas da histeria e da neurose obsessiva* (Mezan, 2003/2013, pp.161-162).

A sexualidade permanece inabalável desde *Três ensaios*, e assim continuará pelo restante de sua obra, contudo, embora o *pressuposto da inexistência primordial do Eu* não seja novo para Freud, é neste texto que ele indica a “nova ação psíquica” constitutiva do Eu *oficial* (Simanke, 1994/2009, pp.132 e 141), que partindo da parcialidade da pulsão sexual, no curso do autoerotismo ao amor objetal, se fixa momentaneamente no próprio corpo, “não mais como soma de zonas erógenas parciais, mas como um conjunto organizado, como totalidade.” (Mezan, 2003/2013, p.161).

Conquanto o Eu “desde 1896 era reconhecido como um dos polos do conflito defensivo” (Mezan, 2003/2013, p.156), o *palco de guerra* agora se dá entre a economia e a dinâmica das pulsões libidinal e egoica subjugadas aos princípios do prazer e da realidade. Lembremos que as pulsões egoica e a libidinal “são idênticas quanto à sua natureza” (Mezan, 2003/2013, p.158) sendo que o que as difere é a contingência do objeto, como já definido em *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico* (1911). Nesse ensaio, Freud pondera que talvez “a energia sexual, a libido, seja apenas o produto de uma diferenciação da energia que atua normalmente na psique.” (p.21.), mas, como visto, o sexual permanece.

O investimento libidinal no Eu é expressamente destacado das pulsões do Eu, uma vez que essas agora se encontram declaradamente arrimadas na autoconservação, o que traz o Eu para o cerne do conflito pulsional sendo, inclusive, o responsável por sua gênese, o que vem por em suspense uma relação entre Eu e organismo como unívoca. O “narcisismo se torna o complemento libidinal do egoísmo do instinto de autoconservação” (1914, p.15.)

À essa distinção conceitual se vale ainda, além da fome e do amor, de *considerações biológicas* concernentes à dupla existência do indivíduo, “com fim em si mesmo e como elo de uma corrente, à qual contra – ou, de todo modo, sem – a sua vontade.” (P.20), em outros dizeres, “funções que visam à preservação do indivíduo e as que visam à preservação da espécie” (Simanke, 1994/2009, p.133), afinal “a existência de dois tipos de células, as somáticas e as reprodutoras, aponta para duas finalidades no ser vivo: autopreservar-se e

reproduzir a espécie. ” E a “função sexual não está no mesmo nível que as demais atividades orgânicas, pois transcende o indivíduo e se dirige à perpetuação da espécie. ” (Mezan, 2003/2013, pp.160-162). É o *morgado* biológico proposto por Freud, a Natureza como instituidora do usufruto humano²⁷.

Sem embargo de em ato contínuo surgir ineditamente a expressão *narcisismo secundário*²⁸, logo de início Freud acentua a tentativa de incluir as parafrenias²⁹ sob os parâmetros da teoria da libido como a causa premente que o levou a conceber a ideia de um *narcisismo primário e normal*. Aponta como características fundamentais desses pacientes a “megalomania e o abandono do interesse pelo mundo externo. ”

Contrapõe, contudo, o parafrênico ao histérico e ao neurótico obsessivo no abandono da realidade. Esses últimos mantêm relação erótica objetual, ainda que na fantasia, renunciando a ações para alcançar as metas quanto a tais objetos no real, e quanto ao primeiro, de seu lado, o suceder é outro, retira por completo do real sua libido, sem conversão ou deslocamento por outros na fantasia, quando essa substituição vem ocorrer a “reconexão” com o real “parece algo secundário, parte de uma tentativa de cura que pretende reconduzir a libido ao objeto”. Em nota de rodapé, Freud nos remete ao *fim do mundo* de Schreber (p.16).

Eis que se põe, de imediato, a seguinte questão: “qual o destino da libido retirada dos objetos na esquizofrenia? ”; e propõe a resposta:

Ela se origina provavelmente à custa da libido objetual. A libido retirada do mundo externo foi dirigida ao Eu, de modo a surgir uma conduta que podemos chamar de narcisismo. No entanto, a megalomania mesma não é uma criação nova, e sim, como sabemos, a ampliação e o explicitamento de um estado que já havia existido antes. Isso nos leva a apreender o narcisismo que surge por retração dos investimentos objetuais como secundário, edificado sobre um narcisismo primário que foi obscurecido por influências várias. (p.16.)

Quanto à hipótese do narcisismo primário, resgata de sua própria obra o conjunto de evidências para reafirmá-lo: o psiquismo infantil e dos povos primitivos, com seus elementos comuns à megalomania e sua equivalente impenetrabilidade³⁰.

²⁷ “Apêndice de seu plasma germinal, à disposição do qual ele coloca suas forças, em troca de um bônus de prazer – o depositário mortal de uma (talvez) imortal substância, como um *morgado*, que possui temporariamente a instituição que a ele sobreviverá.” (1914, p. 21, destaque nosso.)

²⁸ Laplace e Pontalis, in Vocabulário da Psicanálise, p.288 (Narcisismo primário, narcisismo secundário)

²⁹ Na nosografia freudiana o equivalente à *dementia praecox*, de Kraepelin, ou a esquizofrenia, de Bleuler (1914, p.15.)

³⁰ Nesse ponto Freud se refere à “‘onipotência dos pensamentos’, uma crença mágica das palavras, uma técnica de lidar com o mundo eterno, a ‘magia’ que aparece como explicação coerente dessas grandiosas premissas.” (p.17.)

Consubstanciado em tais elementos, forja-se a ideia de uma catexia original no Ego, “um originário investimento libidinal do Eu, de que algo é depois cedido aos objetos, mas que persiste fundamentalmente relacionando-se aos investimentos de objeto”, metaforizada na famosa ameba com seus pseudópodes. (p.17.)

Haveria então um repositório inaugural da libido, do qual é possível observar suas emanções como avanços e recuos dos investimentos de objeto, em equilíbrio econômico na “oposição entre a libido do Eu e libido de objeto. Quanto mais se emprega uma, mais empobrece a outra” (p.17). O estado de enamoramento se apresenta como mais um modelo normal desta dinâmica “de *transbordamento da libido do Eu para o objeto amado*” (p.49.) e tem “seu contrário na fantasia (ou autopercepção) de fim do mundo dos paranoicos.” (p.18)

Ao final da primeira parte do texto, Freud se dedica a rechaçar com veemência a hipótese do monismo pulsional de Jung e refutar sua afirmação de que a teoria da libido haveria fracassado em explicar a *dementia praecox* e, por consequência, “liquidada também para as outras neuroses.” (p.24.)

Logo na abertura da segunda parte, Freud reconhece as dificuldades do estudo do narcisismo, de se ver sobre ao *muro narcísico* (1917, p.561.), e ao mesmo tempo aponta as parafrenias como seu principal acesso que permitirão compreender a psicologia do Eu.

Indica ainda vias alternativas de acesso para se aproximar deste conhecimento. Utiliza-se de seus usuais paradigmas normais que sempre contrapõe aos “exageros e distorções do patológico”, que serão, no caso, a vida amorosa dos sexos e a doença orgânica, valendo-se, doutro lado, também da hipocondria, associando-a as neuroses narcísicas. (p.25.). Em todos, Freud faz um paralelo com a dinâmica da regressão ao Ego da libido tirada dos objetos nas parafrenias. Vejamos caso a caso essa equivalente dinâmica.

Na enfermidade “o doente retira seus investimentos libidinais de volta para o Eu, enviando-os novamente para fora depois de curar-se.” Como diz do *poeta com dor de dente: No buraco do seu molar, se concentra sua alma* (p.26.). Pulsão egoica e pulsão libidinal seguem o mesmo destino indiscriminadamente.

Aponta também o sonho como outro exemplo da retração narcísica da libido, consistente no próprio desejo de dormir em que, junto com o egoísmo dos sonhos, pode se observar “mudanças nas distribuições da libido graças à mudança no Eu.” (p.26.).

Quanto à vida amorosa dos seres humanos, mesmo com toda sua rica diversidade, Freud consegue perceber uma dinâmica padrão:

...suas primeiras satisfações sexuais autoeróticas são experimentadas em conexão com funções vitais de autoconservação. Os instintos sexuais apoiam-se de início na satisfação dos instintos do Eu, apenas mais tarde tornam-se independentes deles; mas esse apoio mostra-se ainda no fato de as pessoas encarregadas da nutrição, cuidado e proteção da criança tornarem-se os primeiros objetos sexuais, ou seja, a mãe ou quem a substitui. (p.32).

A partir deste ponto, por imperioso à compreensão do que se seguirá, deteremos um pouco de nossa atenção nesse este tipo de escolha, que Freud logo adiante denomina como *tipo de apoio (Anlehnungstypus)*.

Desde Três ensaios persiste a ideia de um escoramento primordial das pulsões sexuais sobre as de autoconservação, associadas às funções nutricionais (Simanke, 1994/2009, p.134). As primeiras (libidinais) “só secundariamente se tornam independentes, apoiam-se nas funções vitais que lhes fornecem uma fonte orgânica, uma direção e um objeto³¹”, tornam-se autônomas, mas sempre acompanharão as posteriores escolhas objetais do indivíduo.

Pressagiando seu próximo passo teórico a ser exposto em *Os instintos e seus destinos* (1915), Freud aponta a direção de sua atenção:

Por fim concluímos, quanto à diferenciação das energias psíquicas, que inicialmente estão juntas no estado do narcisismo, sendo indistinguíveis para a nossa grosseira análise, e que apenas com o investimento de objeto se torna possível distinguir uma energia sexual, a libido, de uma energia dos instintos do Eu. (p.18)

Observe-se a coerência lógica para a teoria freudiana de sustentar na que na história libidinal de cada um há “uma época e uma situação psíquica em que as duas classes de instintos surgem como interesses narcísicos, ainda operando em concerto e inseparavelmente unidas” (1914, p.38.), cuja amamentação é seu mais perfeito protótipo, sendo lentamente implementada a distinção fundamental com o isolamento das pulsões libidinais. “É importante notar que Freud não fala de uma pulsão se dividiria posteriormente em duas, mas de uma indistinção inicial.” (Mezan, 2003/2013, p.157). Isso porque a “função corporal fornece à sexualidade a sua fonte ou zona erógena; indica-lhe imediatamente um objeto, o seio; por fim, causa-lhe um prazer que não é redutível à pura e simples satisfação da fome, uma espécie de prêmio de prazer.”(Laplanche e Pontalis, 1967/2001, p.31). A pulsão sexual seria então como uma espécie de um inesperado comensal da pulsão de autoconservação, e seu ganho de prazer como restos do Eu predador como brindes.

³¹ In Laplanche e Pontalis no verbete *Apoio*.

Adiantando ao que seria ainda exposto com melhor minúcia em *Os instintos e seus destinos* (1915), a sexualização da função anaclítica,³² pelo *prazer de órgão* que distingue o autoerotismo, que tem na “erogeneidade uma característica geral de todos os órgãos” (1914, p.28.), com esteio no *prazer funcional*, é também a responsável pela gênese do desejo, o que distingue a pulsão como algo exclusivamente humano, marcado fundamentalmente pela contingência do objeto. A pulsão, definirá ainda Freud naquela obra, já no ano seguinte, “nos parece um como um conceito-limite entre o somático e o psíquico.”

Há muito o desejo já encontrava definição na teoria freudiana como um “*impulso psíquico para reinvestir a representação do objeto que proporcionara a experiência de satisfação da necessidade.*” (Mezan, 2003/2013, p.138.). À satisfação orgânica da necessidade, anaclítica portanto, segue-se a sexualização da função, e o conseqüente “aparecimento do objeto (representado) como elemento significativo para a obtenção da satisfação assinala o surgimento do *desejo*, definido como o impulso propriamente psíquico em direção ao objeto.” (Simanke, 1994/2009, p.138.). E esse objeto que pode ser, *virtualmente, qualquer coisa*, inclusive podendo ser primeiramente o próprio Ego.

Nesse processo de experiência de satisfação da necessidade, sexualização da função e o “aparecimento do objeto representado”, responsável pelo surgimento do desejo, coincide também “com o surgimento do narcisismo, correlativo, por um lado, à constituição do esquema corporal (ou seja de uma representação do próprio corpo) e, por outro, à tomada dessa unidade psíquica do corpo unificado (protótipo do Ego) como objeto do desejo narcísico.” (Simanke, 1994/2009, p.139).

Dito isso (dentro dos limites da capacidade de concisão da pena deste escriba), compreende-se o *tipo narcísico* como o segundo tipo de escolha objetal acabou como sendo, pela pesquisa analítica, uma descoberta *acidental* do tipo de apoio, vista de “modo especialmente nítido em pessoas cujo desenvolvimento libidinal sofreu perturbação.” (1914, p.32.), pessoas que buscam um objeto de amor conforme elas próprias.

Dessa forma, no que diz respeito à vida amorosa dos seres humanos, resta-nos apenas acrescentar, “o breve sumário dos caminhos para escolha de objeto” traçado por Freud, segundo o qual *uma pessoa ama*:

³² Segundo ainda os psicanalistas franceses, adjetivo de origem grega introduzido pela literatura psicanalítica de língua inglesa, e embora a inconveniência da erudição forjada artificialmente, em oposição à linguagem comum *de apoio* (*Anlehnung*) utilizada por Freud, já se encontra consagrada no vocabulário internacional de psicanálise. Por aqui, pode se dizer, consagrada.

- 1) Conforme o tipo narcísico:
 - a) o que ela mesma é (a si mesma),
 - b) o que ela mesma foi,
 - c) o que ela mesma gostaria de ser,
 - d) a pessoa que foi parte dela mesma.
 - 2) Conforme o tipo ‘de apoio’:
 - a) a mulher nutriz,
 - b) o homem protetor
- e a série de substitutos que deles derivam. (1914, p.35/36).

À diferença entre os tipos de escolha objetal os humanos, Freud acrescenta exemplos da vida animal que nos atraem, “pela autossuficiência e inacessibilidade”, como os felinos e animais de rapina, que são comparáveis a algumas mulheres por “suas constelações psicológicas”, pois o narcisismo do outro exerce grande fascínio sobre aqueles que “desistiram da dimensão plena de seu próprio narcisismo e estão em busca de uma amor objetal.”

Por curioso, trazemos aqui um excerto, atribuído a autor desconhecido, extraído de um atual livreto lúdico, de fotografias de cães acompanhadas de frases apologéticas ao animal³³, que faz uma comparação entre estes animais e os felinos, a partir de “suas constelações psíquicas” e o destino de “suas libidos”:

Um cachorro pensa: “Ei, essas pessoas com quem eu vivo me alimentam, me dão um lugar quente e seco para morar, me paparicam, me amam e tomam conta de mim... Elas devem ser deuses!

Um gato pensa: “Ei, essas pessoas com que eu vivo me alimentam, me dão um lugar quente e seco para morar, me paparicam, me amam e tomam conta de mim....Eu devo ser um deus!

Nesse ponto, para seguirmos no que importa ao presente trabalho, em que pese o dissabor da renúncia de discorrermos sobre os (des)caminhos e vicissitudes “normais” dos amores objetais *de apoio* e narcísico, prosseguiremos somente quanto àqueles que na observação psicanalítica, tendo optado pela escolha narcísica, em decorrência de uma catexia no narcisismo primário, se mostraram mais propensos a sucumbirem à esquizofrenia e à paranoia. (Simanke, 1994/2009, p.134).

Portanto, voltemos à terceira via de acesso para se aproximar do conhecimento do narcisismo, a hipocondria, cujo funcionamento servirá a Freud como contraponto para

³³ Levin, Kim. 1998 -2000, *Uma vida de cão* (Why we love dogs), p. 8.

explicação dos mecanismos das parafrenias, lembrando antes que essa aproximação já ocorrera antes no caso Schreber (1911).

O primeiro passo é comparar a hipocondria à enfermidade orgânica, uma vez que ambas sofrem de “sensações físicas penosas e dolorosas” (p.27) e encontrar a libido o mesmo destino, retirando-se dos objetos e regredindo ao Eu.

Diferencia as duas, contudo, pelas mudanças demonstráveis ocorridas na enfermidade, sem deixar de reconhecer que “harmoniza plenamente com nossa concepção geral dos processos da neurose afirmarmos que a hipocondria há de estar certa, que as mudanças orgânicas também não podem faltar nela.” (p.27)

Freud se vale então de uma antiga ferramenta, a erogenidade dos órgãos, para justificar a sensação de adoecimento do órgão “afetado”, ainda que somente como fruto da realidade psíquica neurótica ou hipocondríaca. Recorre ainda à analogia entre os efeitos nos órgãos genitais em estado de excitação e nas zonas erógenas quando recebem um acréscimo do aporte da energia libidinal. Assim, o órgão “afetado” no hipocondríaco é o órgão erogenizado, “centro de múltiplas sensações”.

Por correlato, a partir deste investimento excedente, Freud postula um princípio econômico da pulsão libidinal em um sistema entrópico: “Para cada alteração dessas na erogenidade dos órgãos poderia haver uma alteração paralela no investimento libidinal do Eu.” (p.28)

À época, o quadro nosográfico freudiano se dividia entre neuroses atuais (neurastenia e neurose de angústia) e psiconeuroses de transferência (histeria e neurose obsessiva) e narcísicas (paranoia, esquizofrenia e melancolia), e tal corte se fazia entre dois pontos: a causa etiológica atual e a sintomatologia de expressão somática das primeiras, em contraponto às de transferência e narcísicas, com raízes nos conflitos infantis e seus sintomas de “afecções funcionais, isto é, ‘sem inflamação nem lesão de estrutura’”, sem alterações perceptíveis ao exame no órgão afetado, com mecanismo de formação simbólico.³⁴

Desde muito antes em sua teoria, os esforços teóricos de Freud já se concentravam menos em “delimitar psicose e neurose”, mas antes “pôr em evidência o mecanismo psicogênico” e por isso “o eixo de sua classificação” nosográfica é a etiologia ora encontrada em um “disfuncionamento somático da sexualidade” (neuroses atuais), ora buscada no conflito psíquico como fator determinante (psiconeuroses de defesa).³⁵

³⁴ Sob o verbete *Neurose* in *Vocabulário da Psicanálise* (1967/2001).

³⁵ Id.

E, por conta desta distinção, Freud se detém no texto em comento ao confessar que “prossequindo nesse curso de pensamento” acerca da dinâmica descrita para a hipocondria acabaria também por se aproximar do problema das neuroses atuais e com isso avançar além das fronteiras da “investigação puramente psicológica” para a fisiologia. (p.28)

Contudo, Freud insiste. A partir das inovações teóricas promovidas pelo narcisismo, torna-se possível invadir novos territórios, propor uma associação da hipocondria às parafrenias e, em paralelo, associar as neuroses atuais à histeria e à neurose obsessiva. Assim, um novo “corte transversal” é feito ao mesmo tempo nos dois grupos, a partir do fator etiológico se encontrar no represamento da libido egoica ou da libido de objeto (Simanke, 1994/2009, p.152). “A angústia hipocondríaca seria a contrapartida, desde a libido do Eu, da angústia neurótica”. (p.28)

A mesma equação que atribui o adoecimento e formação de sintomas na neurose de transferência ao represamento da libido de objeto, pode ser utilizada na dinâmica e sintomatologia da parafrenia e hipocondria a partir de um represamento da libido do Eu.

A pergunta que agora se impõe é: por que um represamento da libido no Eu seria sentido como desprazeroso? A resposta evocada se dá com suporte em um antigo princípio da teoria psicanalítica, o da constância, pelo qual, após o investimento libidinal no Eu superar determinada medida, a libido precisa ser escoada para os objetos. “Um forte egoísmo protege contra o adoecimento, mas afinal é preciso começar a amar, para não adoecer, e é inevitável adoecer, quando devido à frustração, não se pode amar.” (p.29.) O paralelo ainda segue adiante, até o limite, na descrição da dinâmica e economia pulsionais.

Embora sendo a *elaboração psíquica* uma ferramenta extraordinária capaz de desviar excitações internas “que de outro modo seriam sentidas como penosas ou de efeito patogênico”, por não serem capazes de uma “descarga direta externa”, ou momentaneamente não desejáveis sua exteriorização, inicialmente tanto faz se essa elaboração ocorra em objetos reais ou irrealis, a diferenciação se dá *a posteriori*, quando essa introversão da libido para os objetos irrealis conduz ao seu represamento. A partir daí o paralelo a que se vinha seguindo até então se interrompe para se tornar contraste, e a dinâmica própria das psicoses passa a ser descrita:

Nas parafrenias, semelhante elaboração interna da libido que retornou ao Eu é tornada possível pela megalomania; talvez somente com o fracasso desta o represamento da libido no Eu se torne patogênico e incite o processo de cura que aparece para nós como doença. (p.30)

Retomando ao paralelo, agora em contraste, Freud passa a resumir suas concepções então estabelecidas sobre a parafrenia:

A diferença entre tais afecções e as neuroses de transferência eu atribuo à circunstância de que a libido liberada pelo fracasso não fica em objetos na fantasia, mas retorna ao Eu; a megalomania corresponde, então, ao domínio psíquico sobre esse montante de libido, ou seja, à introversão para as fantasias encontrada nas neuroses de transferência; do fracasso dessa realização psíquica nasce a hipocondria, análoga à angústia das neuroses de transferência. (p.30)

O segundo contraste se dá entre os caminhos possíveis da libido após a regressão na neurose de transferência: *conversão, formação reativa, formação protetiva; e, do outro lado, a via encontrada nas parafrenias, a tentativa de restauração com suas marcantes manifestações da doença.* (p.31)

Por fim, Freud mapeia as possibilidades de manifestações psicóticas, decorrentes do desligamento parcial da libido objetal:

1. de normalidade conservada ou neurose (manifestações residuais);
2. do processo patológico (de desligamento da libido em relação aos objetos, e também a megalomania, a hipocondria, o distúrbio afetivo, todas as regressões);
3. de restauração, em que a libido se apega novamente aos objetos, à maneira de uma histeria (dementia praecox, parafrenia propriamente) ou de uma neurose obsessiva (paranoia). (p.31)

Simanke (1994/2009, p.152) chama a atenção que embora no texto Freud se refira somente às parafrenias (esquizofrenia e paranoia, à época), suas considerações terminam por sintetizar o que em sua nosografia se encontrava abarcado como neuroses narcísicas como um todo.

Como registra o mesmo autor, essas considerações “praticamente sintetizam todos os caracteres distintivos genéricos” das então chamadas neuroses narcísicas, nitidamente destacadas como uma categoria nosográfica “genuinamente freudiana e emerge diretamente da evolução dos pressupostos teóricos de Freud”(p.153), no que acrescentamos, edificados sobre o conceito de narcisismo.

Tecidas as considerações acerca da distinção entre libido do Eu e pulsões de autoconservação, ratificado o dualismo pulsional, demonstrada a aplicação da teoria da libido

às psicoses, é hora então de dar conta das implicações teóricas das novas descobertas apoiadas na evolução do conceito de narcisismo.

Curioso observar que apesar do título, *Introdução ao narcisismo*, como sabemos, não se trata bem da introdução do conceito, já estabelecido há algum tempo, mas de “sistematizar e justificar” sua validade, “formalizá-lo e definir-lhe o lugar e a função na teoria.” (pp.130 e 124), porém, o que é de fato introduzido, como “uma espécie de herdeiro do narcisismo infantil” (p.135) é o conceito de *Ideal do ego*, que não por acaso se dedica a terceira e última parte do ensaio.

Sua origem narcísica é expressamente atestada: “O que ele projeta diante de si como seu ideal é o substituto para o narcisismo perdido na infância, na qual ele era seu próprio ideal.” (p.40).

Como vimos, desde *Schreber*, a megalomania, por conta do narcisismo primário, já era descrita como o estado primitivo da história libidinal do indivíduo, manifestada na paranoia como um retorno a este estado de forma ampliada e explicitada, no que agora cabe responder qual o destino desta libido do Eu, constatada pela megalomania arrefecida de um adulto normal (p.39), que não foi investida nos objetos. Onde está “His Majesty the Baby” de outrora?

Freud mais uma vez recorre a uma ferramenta de seu próprio arsenal teórico para explicar esse destino: o recalque.

As pulsões libidinais, “em conflito com as com as ideias morais e culturais do indivíduo”, sofrem o recalque que parte do Ego, mais precisamente, como faz questão de salientar, “do autorrespeito do Eu”³⁶. (p.39.)

Toma emprestado como prova a modulação moral de cada indivíduo, uma vez que “impressões, vivências, impulsos, desejos que uma pessoa tolera ou ao menos elabora conscientemente são rejeitados por outro com indignação, ou já sufocados antes de se tornarem conscientes.” (p.39-40) A diferença entre uma e outra está justamente no ideal erigido dentro de si de uma pessoa e não formado na outra.

Uma parte no narcisismo infantil ainda permanece nesse ideal, que o “indivíduo se revelou incapaz de renunciar à satisfação que uma vez foi desfrutada.” A “perfeição narcísica” da criança, que não pode ser mantida pelas perturbações ocorridas no seu desenvolvimento, é readquirida “na forma nova do ideal do Eu”. É para ele que o narcisismo se desloca, “que como o infantil se acha de posse de toda preciosa perfeição.”

³⁶ Expressões melhores se encontram em diversas traduções, tais como *apeço do Ego por si mesmo, amor próprio*, etc.

Ao que parece, numa resposta direta ao “anacoreta ascético” (p.24) proposto por Jung, Freud faz uma pausa para distinguir idealização e sublimação, separando os conceitos no diz respeito aos efeitos que operam, sendo a primeira sobre o objeto da pulsão e a última sobre sua finalidade (Mezan, 2003/2013, p.179). “Haver trocado seu narcisismo pela veneração de um ideal do Eu não implica ter alcançado a sublimação de seus instintos libidinais.” (p.41) Finalizando sobre a questão, correlaciona os dois conceitos e seus efeitos também sobre as neuroses, contribuindo o Ideal do ego para um aumento das exigências do Ego e, conseqüentemente, do recalque, enquanto a sublimação representa a satisfação da exigência pulsional sem operar o recalque.

A partir do Ideal do Ego Freud faz mais uma aposta de um porvir teórico (as pedras de espera mencionadas por Lacan), sugerindo-o como modelo a ser seguido por uma “instância psíquica especial”, responsável pela manutenção da satisfação narcísica a partir do ideal do Eu, que se recusou a abandonar contingenciada pelo princípio do prazer, e o faz através da observação continua do Eu medindo-o por este ideal. Freud identifica esta instância, “impossível de descobri-la”, como nossa “consciência moral” que fica, portanto, de imediato, caracterizada como “instância de censura e de auto-observação” e “distinta do ideal do Ego”³⁷, pois estamos falando de um “terceiro” observador do Eu e de seu Ideal.

Tal instância justificaria os delírios de observação do paranoico, a queixa dos pensamentos conhecidos, de todos seus movimentos vigiados, e as características alucinações auditivas (verbais, segundo Lacan) conjugadas na terceira pessoa.

O reconhecimento desta instância nos torna possível compreender o que chamam delírio de ser notado ou, mais corretamente, *observado*, que surge de maneira tão clara na sintomatologia das doenças paranoides. (P.42)

Ribeiro percebe aqui a ocorrência de um importante giro teórico em relação à dinâmica exposta em Schreber:

...há uma mudança de perspectiva na explicação da paranoia: o perseguidor não é mais unicamente o resultado de uma projeção no exterior de uma representação psíquica cujo conteúdo foi invertido, mas antes a encarnação de uma instância crítica que existiu inicialmente no exterior, tendo sido posteriormente internalizada.

Prossegue Freud apontando que tal “consciência moral”, existente em todos nós na vida normal, teve sua gênese na “influência crítica dos pais intermediada pela voz, aos quais

³⁷ Vocabulário de psicanálise (1967/2001), no verbete correspondente a *Ideal do ego ou Ideal do Eu*.

se juntaram no curso do tempo os educadores, instrutores e, como uma hoste inumerável e indefinível, todas as demais pessoas do meio (o próximo, a opinião pública).” (p.42.)

Simanke (1994/2009, pp.134-136) registra que essa influência crítica dos pais na origem do Ideal do ego e da consciência moral é a marca do parentesco dessa instância com o superego, que será herdeiro do complexo de Édipo, assim reconhecido por Freud em *O Eu e o Id* (1923).

Perto do fim, como de praxe, novamente Freud aponta a direção que tomará sua teoria ao afirmar que a importância do conceito de ideal do Eu vai além do indivíduo, serve também à compreensão da psicologia da massa, “o ideal comum de uma família, uma classe, uma nação.” (p.50)

Seduzidos, o primeiro dualismo e a primeira tópica se entregam a Narciso, mas em debalde. Narciso, lembremos, amaldiçoado por Nêmesis, está condenado a amar sem nunca poder possuir o objeto amado,

Ao fim, Narciso cumpre o vaticínio de Tirésias, de tanto idealizar sua beleza, se conhece, *aproxima-se do autoconhecimento*³⁸, “torna-se mais compreensível” para si e, como no mito, não resiste, se afoga: “A paranoia é frequentemente causada por uma ofensa ao Eu, pelo fracasso da satisfação no âmbito do ideal do Eu”. (p. 50)

1.6 NARCISO, O AVARO

Mais uma vez, e nesta podemos dizer literalmente na abertura, em *Luto e Melancolia* (1917) Freud utiliza sua usual e eficaz gazua para destravar as *portas da percepção*,³⁹a contraposição entre os modelos normais do funcionamento psíquico e estados patológicos.

Partindo da sintomatologia comum (assim como a proximidade etiológica) aos dois estados psíquicos já exposta por Karl Abraham, Freud extrai como elemento de diferenciação para o caso da melancolia a *diminuição da autoestima*⁴⁰ (p.173).

³⁸ Em *Luto e melancolia*, Freud ao aludir ao sentimento de autodepreciação do melancólico, acredita que ele se aproxima muito da verdade.

³⁹ *The Doors of Perception* (1954), famoso livro de ficção do britânico Aldous Huxley (1894-1963) no qual explora a ideia de que nossa mente filtra a realidade de modo a não permitir a percepção do real.

⁴⁰ Digno de nota destacar aqui o termo original utilizado para autoestima, *selbstgefühl*, também objeto de destaque em nossa bibliografia de referência. Na tradução em comento, Paulo César de Souza inclui em nota de rodapé o “sinônimo” amor-próprio dentre outras traduções estrangeiras que sempre culminam por traduzir a própria ideia comum emprestada ao termo narcisismo.

Embora ambos os estados apresentem um “quadro geral” de reação à perda do objeto amado, seja esse uma pessoa ou uma abstração que ocupe esse lugar, consistente em “um abatimento doloroso, uma cessação do interesse pelo mundo exterior, perda da capacidade de amar, inibição de toda atividade”, a diminuição da autoestima é notadamente o fator diferencial da melancolia. (p. 172/173)

E tal fator diferencial, como restará demonstrado, guarda estreita e profunda relação com o crescimento do conceito de *identificação* na teoria freudiana, com o qual o narcisismo se associará de forma peculiar neste texto, no qual “Freud parece não ver no narcisismo nada mais do que uma identificação narcísica com o objeto”(Laplanche e Pontalis, 1967/2001, p.288), o que lhe empresta valor distintivo na construção e destino do conceito.

Porém, para chegarmos a esse ponto, é imprescindível que façamos um breve resumo das conclusões de Freud acerca da oposição entre os dois estados psíquicos do título da obra.

Como dito, aproximam os dois estados a causa e seus efeitos, respectivamente, a “perda do objeto amoroso” e o “doloroso desprazer” com “a perda de interesse no mundo externo”. Pode-se diferenciar na melancolia, contudo, quanto à causa, pela possibilidade da perda do objeto ser de “natureza mais ideal”, por vezes até mesmo “subtraída à consciência”, enquanto no luto a subtração do objeto se dá no plano real por morte ou afastamento de fato ocorrido, “nada é inconsciente na perda”. Novamente, para Freud, “o que vai determinar o caráter patológico de uma afecção é a perda da referência à motivação intrínseca do processo.” (Simanke, 1994/2009, p.170) Porém, seus fatores distintivos por excelência estão nos efeitos.

O valor terapêutico após o trabalho do luto, o “Eu novamente livre e desimpedido”, que explica a inibição e a ausência de interesse absorvidos no Eu, enquanto na melancolia o “extraordinário rebaixamento da autoestima” é seu grande traço marcante, expresso na insatisfação moral do melancólico, em “recriminações e ofensas à própria pessoa e pode chegar a uma delirante expectativa de punição.” Há ainda que serem explorados os desdobramentos dessas diferenças na relação com o mundo e quanto ao objeto perdido.

No luto, o princípio da realidade se impõe, o objeto não mais existe de fato e o real “não lembra mais o falecido”, o que leva ao “afastamento de toda atividade que não lembre a memória” do pranteado, o que na verdade, podemos dizer, se trata da imperiosidade do princípio do prazer, posto “que o ser humano não gosta de abandonar uma posição libidinal, mesmo quando um substituto se anuncia.” (p.173)

A realidade prevalecerá, mas não de imediato, serão investidos tempo e energia, até a que “operação do compromisso se efetive” com a realidade aos poucos. A ruminação da

lembrança do pranteado é por um tempo superinvestida, e a cada reinvestimento “sucede o desligamento da libido” para poder ser novamente investida em outros objetos. (p.174.) Em outras palavras, enquanto o objeto se faz presente na lembrança do enlutado, o mundo se torna desinteressante, “pobre e vazio” até que tenha fim esse amor objetal.

Doutro lado, no melancólico o desinteresse pelo mundo não decorre da memória do objeto perdido não mais encontrado no real, mas do próprio Eu que se torna “pobre e vazio”, o melancólico se descreve como “indigno, incapaz e desprezível; recrimina e insulta a si mesmo”, acrescenta-se ao quadro delirante, uma “psicologicamente notável superação do instinto que faz todo vivente se apegar à vida.” (p.176)

Essa sintomatologia diferenciada demonstra para Freud que evidentemente o melancólico perdeu o “amor-próprio”, o que leva à uma contradição com o luto: se em ambos se reconhece uma perda de objeto, porque as declarações do melancólico indicam uma perda do próprio Eu?

Mais ainda, se buscada correspondência no melancólico entre a “escala do autoenvilecimento e sua real justificação”, ver-se-á que não há relação. Exemplifica com duas mulheres de personalidades opostas, “uma boa, zelosa e capaz” que talvez tenha maior predisposição à melancolia e se autodeprecia do que outra “verdadeiramente imprestável”, da “qual nada saberíamos falar de bom.” (p.179)

Freud recorre então à “consciência moral” como uma das “grandes instituições do Eu”, a instância crítica “capaz de adoecer por si própria”. Novamente é a modulação moral de cada indivíduo, como visto em *Introdução ao narcisismo*, a diferença entre as duas reside justamente no ideal do Eu existente em uma pessoa e não formado na outra.

Apesar de reconhecer na realidade autodepreciativa do melancólico uma aproximação do autoconhecimento, não deixa de considerar que quem faz uma avaliação tão negativa de si diante dos outros, em “insistente comunicabilidade que acha satisfação no desnudamento de si próprio”, carecendo da vergonha que normalmente afeta “alguém compungido de remorsos e autorrecriminação”, somente pode estar doente, “quer diga a verdade, quer seja mais ou menos injusto consigo.” (p.177)

A questão então não é saber o quanto esta autodepreciação converge com o julgamento dos outros, mas antes saber que ela descreve uma realidade psíquica.

Mais uma vez de um quadro patológico Freud extrai o que se pode oferecer como explicação da constituição psíquica do Eu humano como regra geral.

O que se observa na melancolia é uma contraposição de uma parte do Eu à outra, que a toma por objeto, a julga, critica e, em determinadas circunstâncias pode “demonstrar também sua autonomia”.

Essa agora denominada “instância crítica” ou “consciência moral”⁴¹ dissociada do Eu, já nos foi apresentada em *Introdução* também como *instância psíquica especial* e instância de censura e de auto-observação, para se referir ao “observador” do Eu que o compara e o mede a partir do ideal do Eu, a fim de garantir a satisfação narcísica.

A partir de tão robustas provas, Freud reconhece “motivos para separar essa instância do resto do Eu” e por tais fundamentos, sentencia: “nós a incluiremos entre as grandes instituições do Eu, ao lado da censura da consciência e do exame da realidade.”

Prosseguindo nas conclusões de suas investigações, chega ainda a uma segunda observação extraída da clínica, na qual reconhece, através de pequenos nuances do discurso, que as autoincriminações que o melancólico se impõe na verdade não se adequam por completo a sua pessoa, mas a outrem, que “ama, amou ou devia amar.” (p.179)

Seria essa então a “chave do quadro clínico”, as recriminações a si mesmo como regressão das recriminações ao objeto amoroso. E aquelas que se podem reconhecer como autodepreciações genuínas se prestam como subterfúgios para ocultar as demais, prestam-se como mecanismo de defesa a fim de não reconhecer o real, e “se originam também dos prós e contras no conflito amoroso que levou à perda amorosa.” (p.179)

“A mulher que deplora o fato de seu marido se achar ligada a uma mulher tão incapaz está, na verdade, acusando a incapacidade do marido, em qualquer sentido que esta seja entendida.” (p.179)

Portanto, “queixar-se é dar queixa”. A justificativa para a ausência de pudor diante do outro deve-se a que, de fato, “tudo desabonador que falam de si mesmos se refere, no fundo, a outra pessoa.”

Apesar da auto alardeada indignidade, de onde esperava-se humildade e contrição, o que se encontra ao fundo do discurso melancólico é o sentimento de vítima de uma grande injustiça, “extremamente importunos, agindo sempre como que ofendidos”. Freud atribui tal possibilidade à “constelação psíquica da revolta, que, por um determinado processo, foi

⁴¹ O tradutor da edição consultada, em nota de rodapé, destaca que diversamente da etimologia latina, em que a palavra *consciência* tem dois sentidos, na língua alemã existem duas palavras diversas para designar uma consciência moral e outra psicológica, *gewissen* e *bewußtsein*, respectivamente.

transformada em compunção melancólica.” (180). Nesse “determinado processo” podemos identificar a *reversão no contrário*⁴² sofrida na libido empregada.

Tal efeito decorreria do abalo ocorrido na ligação da libido a determinada pessoa por uma “real ofensa ou decepção vinda pessoa amada”. O resultado adverso, de não se deslocar “normalmente” para um novo objeto, foi o recuo da libido para o Eu onde se produz uma “*identificação do Eu com o objeto abandonado*”, a partir do qual essa parte do Eu passa a ser observada como o objeto abandonado e é julgada pela “instância especial”: “Desse modo a perda do objeto se transformou numa perda do Eu, e o conflito entre o Eu e a pessoa amada, numa cisão entre a crítica do Eu e o Eu modificado pela identificação. ”

Concorre para tal fato uma forte fixação narcísica, o “tempo insolitamente longo” visto em Schreber em contraponto a uma pequena resistência dos investimentos objetais em razão de sua escolha objetal narcísica, que lhe permite como mecanismo de defesa a regressão ao narcisismo. A identificação do objeto no Ego então se torna o substituto do investimento amoroso, o que permite o não abandono dessa posição libidinal através da “regressão do tipo de escolha de objeto ao narcisismo original”:

...a identificação é o estágio preliminar da escolha de objeto, e o primeiro modo, ambivalente em sua expressão, como o Eu destaca um objeto. Ele gostaria de incorporar esse objeto, e isso, conforme a fase oral ou canibal do desenvolvimento da libido, por meio da devoração. (p. 182)

Mais uma vez o investimento no tipo de escolha de objeto narcísica é apontado como causa à predisposição de adoecimento psíquico, no caso, a melancolia. Freud ainda faz uma aposta na “regressão do investimento objetal à fase oral da libido, pertencente ao narcisismo”, como elemento característico desse adoecimento. Registra que as identificações com os objetos se encontram presentes na formação de sintomas também nas neuroses de transferência, mas a diferença está na recusa do abandono do investimento objetal que, na transferência mostra toda sua força. Assim como na melancolia, a identificação também se expressa como amor nas neuroses de transferência. (p.183)

Dessa forma, pode-se seccionar as características da melancolia em duas partes, uma que vem do luto e outra que parte da regressão da escolha de objeto narcísica, sendo essa última o agente etiológico de seus peculiares sintomas, escolha essa que, inclusive, quando aparece no luto normal, também o torna patológico. Exemplifica com a predisposição à neurose obsessiva, na qual o conflito da ambivalência “empresta ao luto uma configuração

⁴² Os instintos e seus destinos (1915, p.64.)

patológica”, expressada em autorrecriações nas quais o enlutado teria sido o responsável, através de seu próprio desejo, pela perda do objeto de amor. (p.183)

Freud quer acentuar então que a perda do objeto amado expõe à luz a ambivalência das relações amorosas, expressas tão significativamente por si mesmas nessas “depressões neurótico-obsessivas que se seguem à morte de pessoas amadas”, independente da regressão da libido.

Na melancolia, que não se limita à perda provocada pela morte de fato, mas que abrange “todas as situações de ofensa, menosprezo e decepção”, a ambivalência, a oposição amor e ódio, tanto pode ser reforçada quanto ter início na relação com o objeto perdido, e pode se originar tanto da realidade quanto na constituição do indivíduo. (p.184)

Obrigado a renunciar ao objeto, contudo impossibilitada a renúncia do amor a ele, esse excedente será regredido às identificações narcísicas deste mesmo objeto no Eu, como objeto substitutivo, mas não mais como objeto de amor, mas na reversão de seu contrário, de ódio, que passa a vituperar, insultar e rebaixar fazendo-o sofrer, em troca de um gozo sádico deste sofrimento.

Freud observa que se pode colocar o “automartírio claramente prazeroso da melancolia” na mesma conta da dinâmica pulsional da neurose obsessiva, como “satisfação de tendências sádicas e de ódio relativas a um objeto, que por essa via se voltaram contra a própria pessoa.”

O circuito se mostra o mesmo em ambas as afecções, o ganho secundário dos “rodeios de autopunição” é a vingança do objeto perdido e tortura de seus amores pela doença, e assim demonstrar por vias transversas a hostilidade que lhes dirige.

Assim o investimento amoroso do melancólico em seu objeto experimentou um duplo destino: parte dele regrediu à identificação, mas outra parte, sob a influência do conflito da ambivalência, foi remetida de volta ao estágio do sadismo, mais próximo desse conflito. (p.184)

O mesmo sadismo se presta a explicar a inclinação suicida que torna a melancolia “tão interessante - e tão perigosa. ” (p.185) Vimos no estado primordial das pulsões, quando ainda indivisas, “um tão formidável amor ao Eu” que se tornaria incoerente que esse Eu poderia desejar sua própria destruição. A explicação de tal fato está no desejo de morte do objeto perdido que foi introjetado.

Freud registra não ser novidade o conhecimento de que as ideias de autoextermínio presentes nos neuróticos são, na verdade, um “impulso homicida” dirigido a outrem, pessoa

geralmente próxima, para qual “está orientada sua doença.” Contudo, a análise da melancolia passou a permitir a compreensão do “jogo de forças em que tal intenção consegue se tornar ato.”

O suicídio do melancólico somente se torna possível pelo “retorno do investimento objetual” ao próprio Eu, que passa a tratar a si mesmo como esse objeto perdido, possibilitando assim lhe dirigir hostilidades antes dirigidas ao objeto, o que por sua vez seria a “reação original do Eu” aos objetos externos. “Assim, na regressão da escolha de objeto narcísica o objeto foi eliminado, é verdade, mas demonstrou ser mais poderoso que o próprio Eu.” (p.185) A consagrada “sombra do objeto caiu sobre o Eu.”

Antes de passar ao exame de outras peculiaridades da melancolia, Freud se utiliza de seu usual método comparativo normal/patogênico e opõe o total enamoramento ao suicídio, em que ambas situações o Eu é subjugado pelo objeto, “embora por caminhos inteiramente diversos.”

Como de hábito, embora reconheça que não tenha todas as respostas a outras questões relativas à melancolia, o texto avança sobre outras singularidades dessa afecção. *En passant* discorre sobre o notável medo de empobrecer do melancólico e relaciona-o ao “erotismo anal arrancado de seus vínculos e transformado regressivamente.” Vê na insônia a “rigidez do estado, a impossibilidade de cumprir a retirada geral dos investimento que o sono requer.” (p.186). Compara-a (melancolia) a uma “ferida aberta”, que de todos os lados atrai investimento minando o Eu até seu “completo empobrecimento.” Destaca também como elemento comum ao luto seu desaparecimento no curso do tempo, “sem deixar traço de grandes mudanças.”

Porém, nesse aspecto, Freud se dedica a explorar com maior minúcia, o que trataremos em conjunto no presente trabalho, dado ao já adiantado da escrita e à estreita ligação desse trabalho psíquico com a “peculiaridade mais singular e mais carente de explicação, na melancolia”, que frequentemente se desloca para seu polo oposto, transformando-se em mania, “um estado com sintomas opostos aos dela.” (p.186.)

Tal bipolaridade fornece elementos preciosos comprovadores de uma “experiência econômica geral para a psicanálise.” Primeiramente, o conteúdo, ou “os mesmos determinantes econômicos” da fase maníaca se encontram na fase melancólica, ambos os polos “lutam com o mesmo ‘complexo’” ao qual se sucumbe na melancolia e é sobrepujado ou posto de lado na mania. (p.187)

O *modelo normal* aqui adotado para comparação à mania são os “estados de alegria, júbilo, triunfo”, dos quais extrai equivalentes “determinantes econômicos.” Freud exemplifica

com o cotidiano, como no caso do “pobre-diabo subitamente aliviado da crônica preocupação de obter o pão diário, ao ganhar uma enorme quantia de dinheiro”, a alteração de seu estado de ânimo, igualmente na mania, se caracteriza “pelos sinais de descarga de uma emoção jubilosa e por uma maior propensão a todo tipo de ação.” (p.188)

E destes “dois pontos”, a hipertimia e a desinibição à ação, pode se supor, como no luto, a superação da perda do objeto, “a libertação do objeto com o qual sofreu.” Tem-se então um saldo energético disponível de contrainvestimento que o sofrimento havia atraído do Eu, que faz o maníaco se lançar como “um faminto em busca de novos investimentos de objeto.”

Freud mesmo objeta que no luto há também uma superação dessa perda do objeto e absorção das energias do Eu, sem, contudo, produzir equivalente saldo energético disponível que leve ao estado de ânimo no triunfo.

Lança mão, porém, como conjectura, que a cada traço mnêmico que mostre a libido ainda ligada ao objeto perdido, o princípio da realidade impõe que o objeto não mais existe e o Eu, entre “partilhar ou não esse destino, é convencido pela soma das satisfações narcísicas em estar vivo, a romper seu vínculo com o objeto eliminado.” E, como visto, tal rompimento é lento e gradual, ruminante, de modo que ao fim do luto, todo o dispêndio de energia requerido teria sido dissipado.

Interessante observar que, a par de tantos indicadores, por diversas vezes durante o texto Freud ressent-se da ausência de melhor formulação do ponto de vista econômico dos fenômenos psíquicos pela psicanálise, e também já assume os abalos sofridos na topologia psicanalítica, sem saber situar “em quais e entre quais sistemas psíquicos acontece o trabalho da melancolia.” (p.190)

Após reconhecer equivalente desligamento lento e gradual, porque “reforçado por mil nexos”, do objeto também na melancolia, contudo, tal situação é agravada neste caso pelo conflito da ambivalência relacionado ao objeto. (p.191)

Como já exposto, essa ambivalência ou é constitucional (na verdade, *a priori*, sempre será) ou nasce dos traumas das perdas de objeto, e é a responsável pelos infindáveis conflitos em torno do objeto e seus substitutos, em que amor e ódio lutam para desligar ou manter a posição libidinal. Freud situa esse conflito no inconsciente, dado a ambivalência constitucional que pertence ao reprimido, ainda que ativado por “vivências traumáticas com o objeto”, o que os torna subtraídos à consciência, até o “desenlace característico da melancolia”, a regressão da libido, que refugiada no Eu “escapa à eliminação”. (p.192)

Após a regressão, o processo pode tornar-se consciente “como um conflito entre uma parte do Eu e a instância crítica.” E assim como no luto, a renúncia do objeto se impõe,

porém, não pelo contínuo exame da realidade, mas pelo contínuo rebaixamento do objeto, pelo esgotamento da raiva, pelo abandono ou depreciação do objeto. A mania seria então o “desfrute da satisfação de poder se enxergar como o melhor, superior ao objeto.” (p.193.)

Freud termina por ressaltar que “dos três pressupostos, perda de objeto, ambivalência e regressão da libido para o Eu”, em comparação às recriminações obsessivas de luto, somente o último é o único influente na melancolia: “Aquele acúmulo de investimento inicialmente vinculado, que após o término do trabalho da melancolia é liberado e torna possível a mania, deve estar ligado à regressão da libido ao narcisismo.” (p.193)

Luto e melancolia, como visto, se torna um texto marcante pelos achados e descrições clínicas e metapsicológicas de Freud sobre os mecanismos da depressão e do luto. E, como bem salienta Simanke, a melancolia é a terceira afecção incluída na classe das neuroses narcísicas (e mais tarde será a única sobrevivente nessa classe) sendo que o elemento fundamental que o texto apresenta para a teoria da psicose são as implicações da noção de “identificação narcísica com o objeto”, que irão se consagrar como fonte para explicação do surgimento do Ego como unidade psíquica produto da “assimilação identificatória da imagem do outro, percebido como igual a si.” (Simanke, 1994/2009, pp.139 e 170).

Da regressão ao narcisismo operada na melancolia Freud pode extrair o conceito de identificação. A afirmação da identificação como uma etapa prévia ao investimento objetal vem tornar mais claro o processo regressivo que ocorre nas neuroses narcísicas em geral. “A introdução do conceito de narcisismo insinuou o papel do objeto na constituição do ego.” (p.170) É a nova ação psíquica necessária para que o Ego se constitua prevista em *Introdução*.

Outra contribuição, contrapondo a ideia de um narcisismo anobjetal, surge deste narcisismo pensado não só “em termos de economia interna das pulsões confluindo para representação do corpo que constitui o núcleo do Eu, mas também contemplando a dimensão intersubjetiva do narcisismo” (Simanke, 1994/2009, p.140) propiciada pela identificação. O início de um estudo sistemático da identificação é talvez a maior contribuição teórica presente em luto e melancolia. (p.172.)

2. NARCOSE

Assim como no mito que lhe empresta o nome, Narciso sai de cena e se afoga em sua própria imagem, dilui-se na tinta da pena freudiana. Mais tarde, quando retorna, está transubstanciado, disfarçado em flor e em novo *topus*.

Embora Freud ainda consiga expandir as aplicações teóricas do narcisismo, após *Luto e melancolia* nada mais é acrescentado à definição metapsicológica do conceito, que então já possui seu estatuto próprio, sua identidade. Quando seus contornos e limites estão bem delineados e conhecidos, se cumpre mais uma vez o dito do *vate fatídico*⁴³ e Narciso não alcança a senectude na obra freudiana.

Nesta altura, decorrido quase uma década de seu aparecimento, se encontravam bem definidas suas principais expressões teóricas. Narciso ganhou impressionantes poderes para um “mero” semideus. Do *Caos* extraiu Ego⁴⁴ e - *Fiat lux* - pode ver seu reflexo, inteiro, como unidade, limitado e separado, *mas ao preço da solidão de não ser eternamente mais do que só ele mesmo* (Green, 1988, pp.25-26). Por outro lado, já vimos, de qualquer modo Narciso aprende que no final “é preciso começar a amar, para não adoecer, e é inevitável adoecer, quando devido à frustração, não se pode amar”⁴⁵, nem que seja a si mesmo.

Lembremos, contudo, que por decreto de Nêmesis Narciso *é condenado a amar, mas sem jamais possuir o objeto amado*⁴⁶, no que só restou-lhe então multiplicar⁴⁷ seu amor em cópias de si mesmo, indefinidamente, para não adoecer, às quais perseguirá como à (ao) Eco.

Então, do Narciso original, primário, identifica e erige outro, secundário, à *sua imagem, à sua semelhança*⁴⁸, ao qual se atraca pelo resto de sua existência até à morte, e se torna estrutura definitiva, *modus operandi*⁴⁹, caixa de ressonância, *Eco* de seu *Ego*, que se repetirá na dinâmica de suas escolhas e frustrações amorosas, pois ama “objeto incorpóreo,

⁴³Tirésias, o afamado profeta de Tebas que advertiu a Liríope, mãe de Narciso, sobre a possibilidade da morte prematura de seu filho (Ovídio, *Metamorfoses*, Livro III, versos 345-50).

⁴⁴ Segundo Simanke, “é contra o pano de fundo do autoerotismo que a noção de narcisismo se constitui” (2009, p.124).

⁴⁵ Introdução ao narcisismo, p.29.

⁴⁶ Ovídio, *Metamorfoses*, Livro III, verso 405.

⁴⁷ Tal como a multiplicação de processos identificatórios em *Psicologia das massas e análise do Eu*.

⁴⁸ Green cita o Gênesis, também no primeiro capítulo de seu livro.

⁴⁹ Modo de operação.

sombra em vez de corpo”⁵⁰, sombra que sempre persegue. Todo seu conhecimento amoroso, toda sua “instrução não passa de reminiscência”⁵¹.

E é tamanha a “captação amorosa”⁵² de sua imagem que acaba por submergi-lo. Mais uma vez então, a força da libido do Eu, o extremo amor de narciso por si, em descompasso com seus fugazes flertes objetais, conduz narciso de volta à origem, ao seu estado primário, indiviso, sua identidade se amalgama ao que vê no fundo do espelho d’água, sua imagem, e provoca a retirada de seu amor do mundo, para regredi-lo no tempo (libidinal) e no espaço (tópico).

Tal qual o correlato mito, o narcisismo também perde sua identidade original sob as águas da segunda teoria do aparelho psíquico de Freud. *Se apaga a concepção de “identificação narcísica com o objeto”*⁵³, a “assimilação identificatória da imagem do outro” que permitira fornecer uma explicação para o “misterioso surgimento do ego” (Simanke, 1994/2009, p.139), como vimos surgir e crescer na primeira teoria. Narcisismo e autoerotismo se fundem novamente. Narciso volta ao zero absoluto, regride a antes de *Schreber*, quando suposto como fase mediadora entre o autoerotismo e o amor objetal, e é caçado seu título mais nobre, o de *fôlego da vida*⁵⁴, a ação psíquica necessária para o Eu-Narciso se constituir.

Laplanche e Pontalis (1967/2001, p.288) ao comentarem essa concepção de um estado narcísico primitivo anobjetal, sem “qualquer abertura perceptiva para o mundo exterior”, tecem sua famosa metáfora crítica: “como passar de uma mônada fechada em si mesma para o reconhecimento progressivo do objeto? ”

A velocidade desse “afogamento” surpreende.

Simanke (1994/2009, pp.136-137) registra que se inicia antes mesmo da formulação da segunda tópica, na conferência de número 26 de 1917, sob o título *A teoria da libido e o narcisismo*. Ali, embora ainda mantenha distinção entre libido egoica e pulsão de autoconservação (interesse) no texto - distinção que também se apagará brevemente, Freud se antecipa a *Além do princípio do prazer* quanto ao destino do narcisismo e o funde ao autoerotismo: “Assim, o autoerotismo seria a prática sexual do estágio narcisista da alocação

⁵⁰ Ovídio, *Metamorfoses* Livro III, versos 415-20.

⁵¹ Cebes, na cela com Sócrates à espera de sua execução, ao justificar, em razão de que o conhecimento advém da recordação do que já foi vivido, a preexistência da alma ao nascimento (Platão, *Fédon*, in *Diálogos*, p. 156. Ed. Cultrix)

⁵² Vocabulário de Psicanálise, sob o verbete *Narcisismo*.

⁵³ Id.

⁵⁴ “...o Eterno formou o homem a partir do pó da terra e soprou em suas narinas o fôlego da vida. E o Homem passou a ter vida – tornou-se um ser vivo!” (Gênesis, 2:7.)

da libido.” (1917c, p.550) Utiliza-se do sono e de seu famoso “animalzinho protoplasmático” como exemplos dessa introversão.

Ainda, no resumo exposto sobre os fundamentos do narcisismo, embora ainda trate de identificação narcísica, a descrição é ressaltada principalmente sobre o aspecto econômico. Observemos que embora a redação de Luto e melancolia seja de 1915, sua publicação data de 1917, mesmo ano da publicação da parte III de Conferências Introdutórias à Psicanálise.

Supõem-se razões para a radical mudança, e seriam por elas que “Freud acaba opondo de forma global um estado narcísico primitivo (anobjetal) e relações com o objeto.” (Simanke, 1994/2009, p.137). Os dois fatores principais a justificar essa virada teórica são, ainda segundo Simanke, “a crescente importância que o conceito de identificação vinha assumindo na teoria e a necessidade da formação do conceito de *Id*, como complemento necessário da nova tópica psíquica então em gestação.”

Quanto à identificação, a razão parece clara. A necessidade da oposição de um estado anobjetal às relações de objeto se tornaria incompatível com a manutenção de um narcisismo primário calcado em processos identificatórios objetais, no que se fez necessário recuá-lo para “um momento anterior à formação do ego.” (Simanke, 1994/2009, p.140). O remanejamento decorre das revoluções provocadas pelo próprio narcisismo na primeira teoria pulsional (Simanke, 2009, p.141), “o econômico remete à tópica” (Green, 1988, p.39) e Freud está à busca da fonte pulsional, de seu reservatório inicial, seja no *Nilo ou Amazona* (Green, 1988, p.6), que oscilará, afirmativamente, entre o *Ego e o Id* no decorrer das próximas obras.. O Eu precisa ser reavaliado e o suporte pulsional para o Ego se abala. Autoconservação e Libido do Ego serão declaradamente identificadas em Além do princípio do prazer (1920), as pulsões de autoconservação se tornam libidinais em o Eu e o Id (1923), e a teoria monista de Jung ainda faz sombra. De onde vem a libido e para aonde pode ir? Do vetusto Eu ou da nova instância em gestação, o *Id*?

Estabelecida essa premência teórica, *o narcisismo primário absoluto* (1923, p.223), subsiste ainda a identidade de Narciso, não mais como a original, mas transsubstanciada, seu dúplice, denominado secundário, “subtraído aos objetos” pela tentativa do Eu de “impor-se ao Id como objeto de amor” (1923, p.58), o que Freud designa também como *identificação pelo estabelecimento do objeto no Eu* (1923, p.35).

Mas estamos aqui nos adiantando ao sepultamento, e até mesmo à ressurreição. A cortesia recomenda que precisamos antes seguir o pujante cortejo fúnebre de Narciso, como faz jus um mito, ainda que brevemente.

Em *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (1921), ainda são investigadas à exaustão os processos identificatórios narcísicos. Freud passa à retomada das implicações entre as identificações e o ideal do Eu, assim como suas aplicações, retomando ao que deixou “irresolvido” em *Luto e melancolia*. (1921, p.94)

Freud toma emprestado o título e a obra do psicólogo e sociólogo francês *Gustave Le Bon, Psicologia das massas*, como contraponto à análise do Eu. Mais uma vez, sobrepõe o cotidiano ao patológico, *in casu*, a formação de grupos, o enamoramento, a hipnose e a neurose e, de relance, a psicose.

As aplicações do conceito ganham novo status sociológico com a exploração do narcisismo das pequenas diferenças, seu particular “taboo of personal isolation”⁵⁵ feito de “calor e espinhos”⁵⁶.

Freud ressuscita também o *Pai Primevo de Totem e tabu* para explicar o “instinto gregário”, refutando *Wilfred Trotter* por sua negligência com o papel do líder sobre a massa, pois, para Freud, “a natureza da massa é incompreensível se negligenciarmos o líder.” (1921, p.80) Há um elemento imprescindível para “dar a liga” na massa, a libido. Para a manutenção da coesão da massa é necessário o amor ao líder, o narcisismo somente encontra limites no amor ao objeto. (1921, p.58) Os irmãos parricidas somente se identificam pelo amor ao mesmo objeto perdido e pelo temor do mesmo fim. O *sprit de corps* pautado na renúncia das exigências individuais é derivado da inveja original. “Tal exigência de igualdade é a raiz da consciência social e do sentimento de dever.” (1921, p.82) Ilustram tal fato a pretensão de “justiça” da mãe que perdeu o filho diante de Salomão: a outra também dever perder para que sejamos iguais. “O sentimento social repousa, portanto, na inversão de um sentimento hostil em um laço de tom positivo, da natureza de uma identificação.” (1921, p.83)

Ganham-se também novos subsídios para a escolha amorosa humana, como já problematizada em *Introdução* nos modos de escolha objetal. O enamoramento é um dos exemplos da limitação ao narcisismo, “o amor a si encontra limite apenas no amor ao outro, amor aos objetos.” (1921,p.58), e aqui é tratado em paralelo à hipnose, na qual o objeto é colocado no lugar do Eu pela atração da libido narcísica, sendo o caso, contudo, da hipnose, de exclusividade das pulsões libidinais barradas na meta.

⁵⁵ É em *O tabu da virgindade* (1917) que Freud usa pela primeira vez a expressão *narcisismo das pequenas diferenças*, inspirado no “tabu de isolamento pessoal” citado por Alfred Ernest Crawley em seu livro *The mystic rose*.

⁵⁶ Em alusão à parábola dos porcos espinhos de Schopenhauer, citada por Freud (1921, p.56).

Por sua vez, o grande diferencial entre o ideal do Eu exposto no presente texto e aquele descrito em *Luto e melancolia* é inscrevê-lo na psicologia das massas, lançando luz sobre o modo de constituição dos laços sociais, nas organizações dos grupos. Para tanto, se vale das relações amorosas dos indivíduos que constituiriam a essência de sua coesão, elemento de solda do fator gregário. O que torna possível que o heterogêneo submerja ao homogêneo. (1921, p.20) Sem pudor, Freud sentencia: “...são as ligações libidinais que caracterizam a massa.” (1921, p.56) É o seu império da libido.

Dessa forma, Freud afasta, ou até mesmo ataca, o pressuposto clássico sociológico da sugestão⁵⁷ como pré-condição ao suposto instinto gregário do ser humano, e subjuga-o ao da libido, de onde deve derivar. (1921, p.80) *O homem não é animal de rebanho, mas animal de horda.* (1921, p.83)

Portanto, os grupos seriam dotados de uma estrutura libidinal própria sustentada na “diferenciação entre Eu e ideal do Eu, e ao duplo tipo de ligação por ela possibilitada – identificação e colocação do objeto no lugar do ideal do Eu.” (1921, p.93) Dois modelos servem a exemplificar essa dinâmica: a igreja e o exército. Na caserna o oficial serve como objeto substituto ao Ideal do ego do recruta, sendo o oficial aquele que possui os atributos que gostaria de ter, ou mesmo ser, mas se encontra impedido. Por sua vez, o mesmo recruta não se identifica com ele, o *que o tornaria ridículo querer se igualar*⁵⁸, mas com os demais soldados que têm no comandante seu objeto e Ideal do ego comuns.

Já a Igreja Católica exige um elemento a mais. Como no exército, o “comandante” Cristo é amado como o Ideal, e cada cristão como irmão (filhos de Deus) se identifica com o outro, assim como os soldados, porém não é o bastante, o *comando* é amar uns aos outros assim como Cristo os amou. “Logo, nos dois pontos a Igreja requer que a posição libidinal dada pelo grupo seja completada. A identificação deve ser acrescentada ali onde houve escolha de objeto; e o amor ao objeto, onde existe identificação.” (1921, pp.99-100)

Édipo também se destaca entre a turba anônima. Tornam-se definitivos os laços parentais entre Narciso e Édipo. Ressaltado o berço familiar comum, Narciso não poderia escapar da influência do complexo do irmão parricida na teorização da dinâmica da identificação. Narciso, o suicida, Édipo, o parricida, e identificação se confluem mais uma

⁵⁷ O sentimento comum da massa e adquirido pelo indivíduo como proposto por *Le Bom*, a “alma coletiva”. Freud inverte essa dinâmica a partindo do indivíduo para a massa através dos processos identificatórios.

⁵⁸ Freud ilustra a hipótese com uma irônica fala, extraída de *O acampamento de Wallenstein*, de Schiller, de um caçador sobre a *ecopraxia* do sargento com seu general: “O modo como ele pigarreia e escarra Isso vocês imitam com perfeição!” (1921, pp.99-100)

vez, como já ocorrera em Leonardo. Mais precisamente, a identificação, passou a ser considerada como uma fase estruturante que antecede e atravessa o complexo de Édipo, portanto também palco do drama narcísico, pelo visto, sob a direção de *Thánatos*.

No texto, Freud abre o tópico que dedica exclusivamente à identificação (VII) confessando essa relação: “A psicanálise conhece a identificação como a mais antiga manifestação de uma ligação afetiva a uma outra pessoa. Ela desempenha um determinado papel na pré-história do complexo de Édipo.” (1921, p.60) O complexo de Édipo passa a ser o modo de escolha sexual pela identificação e de constituição do desejo. No mesmo tópico Freud perpassa o crescimento do conceito e as respectivas conclusões extraídas em *Schreber, Leonardo, Introdução ao narcisismo e Luto e melancolia*.

O narcisismo secundário, por sua vez, ganha novas considerações e aplicações. Aprofunda-se a concepção de um ideal do Eu como um precipitado de identificações, ante uma dificuldade (especialmente visível no melancólico) de se desvincular o investimento objetual da identificação narcísica. O objeto, então, não é verdadeiramente abandonado como vimos em Luto e melancolia, mas introjetado, “a identificação tomou o lugar da escolha de objeto, e a escolha de objeto regrediu à identificação.” (1921, p.63)

Esse Ideal do ego, erigido por introjeção a partir de identificações com objetos abandonados foi alçado, como já visto em *Introdução e Luto e melancolia*, a “uma instância que pode se separar do resto do Eu e entrar em conflito com ele.” (1921, p.67), uma estrutura permanente do psiquismo:

Dissemos que é herdeira do narcisismo original, em que o Eu infantil bastava a si mesmo. Gradualmente ela acolhe, das influências do meio, as exigências que este coloca ao Eu, as quais o Eu nem sempre é capaz de cumprir, de modo que o indivíduo, quando não pode ser satisfeito com seu Eu em si, poderia encontrar satisfação no ideal do Eu que se diferenciou do Eu. Constatamos, além disso, que no delírio de observação se torna patente a decomposição dessa instância, desvelando sua origem nas influências das autoridades, sobretudo dos pais. Mas não deixamos de acrescentar que a medida da distância entre esse ideal do Eu e o Eu real varia bastante de um indivíduo para outro, e que em muitos essa diferenciação no interior do Eu não é maior do que na criança. (1921, p.68)

O Ideal do ego agora se fragmenta e multiplica, na medida em que os grupos elegem e põe um único objeto comum no lugar do seu ideal, identificado com o grupo, ou grupos, e uns com os outros em seus próprios egos, mediante a identificação de um com o outro pelo “amor igual pelo mesmo objeto”. (1921, p.82)

Há *um grau no interior do Ego*, cada “indivíduo é um componente de muitos grupos, tem múltiplos laços por identificação, e construiu seu ideal do Eu segundo os mais diversos modelos.” (1921, p.92)

Tal “parcialidade” na identificação difere-se da identificação maciça, totalizante do Ego pelo objeto que lhe faz sombra, como presente na melancolia ou na “servidão enamorada”. (1921, p.73) A parcialidade, por sua vez, mantém certo distanciamento do objeto, permitindo dissociar a identificação interna (com o Ego) do investimento libidinal externo (no Ideal do ego representado no objeto). Assim o Ideal do ego torna-se uma possibilidade de prorrogação narcísica a partir de investimentos de ideais externos, culturais e morais. Freud registra que, não obstante essa marca de exterioridade, será invertido esse papel como recalcante, como exigências impostas ao Ego, onde a satisfação narcísica pode ser mantida pelo atendimento da função censora do Ideal do ego.

O Ideal do ego visto em *Introdução* então é modificado em suas funções e *lugar*, deixa de ser um subproduto do narcisismo projetado nas escolhas objetais, e passa a adquirir autonomia e, principalmente, autoridade como representante do mundo externo:

O que aí falseia o juízo é o pendor à *idealização*. Como vimos nós vemos facilitada a orientação; percebemos que o objeto é tratado como o próprio Eu, que então, no enamoramento, uma medida maior de libido narcísica transborda para o objeto. Em não poucas formas de escolha amorosa torna-se mesmo evidente que o objeto serve para substituir um ideal não alcançado pelo próprio Eu. Ele é amado pelas perfeições a que o indivíduo aspirou para o próprio Eu, e que através desse rodeio procura obter, para a satisfação de seu narcisismo. (1921, p.71)

Essa função crítica exercida pelo Ideal do ego e estruturada narcisicamente, fornece então condições para repensar elementos sobre as exigências recalcantes do mundo externo, no qual a moral esteve sempre presente no horizonte teórico freudiano. A autonomia adquirida pelo Ideal do ego, patente na melancolia e nos delírios de perseguição, se mostra também relevante para além das patologias e passa a ocupar cada vez mais lugar de destaque na organização psíquica.

Em *Psicologia das Massas e análise do Eu* a concepção de ideal do Eu permite perscrutar as estruturas sociais e concluir a moral civilizacional com esteio no narcisismo. Em face à incapacidade de se renunciar por completo à satisfação narcísica já experimentada, a transformação que então se efetua é constituir a libido como laço social a partir dos mecanismos identificatórios forjados pelo ideal do Eu.

Partindo do enamoramento de da hipnose como protótipos individuais deste mecanismo, assim descrito como a “existência simultânea de impulsos sexuais diretos e inibidos em sua meta, sendo que o objeto atrai para si uma parte da libido narcísica do Eu”, no específico caso do enamoramento, ou do desfecho pela colocação “do objeto no lugar do ideal do Eu” (1921, p.111) em ambos os casos, Freud conclui com relação às massas:

O grupo multiplica este processo; coincide com a hipnose na natureza dos instintos que o mantêm e na substituição do ideal do Eu pelo objeto, mas junta a isso a identificação com outros indivíduos, que geralmente foi tornada possível talvez pela mesma relação com o objeto. (1921, p.112)

Para resumir muito brevemente, Freud finaliza seu texto com a observação que a mesma instância do ideal do Eu, fruto da “substituição dos impulsos sexuais diretos pelos inibidos” (1921, p.112) na meta, na hipnose e nas massas, que possibilita a sujeição do Eu, na neurose, é fonte de conflito constante com as pulsões libidinais não inibidas que continuam a buscar satisfação.

Por fim, no último livro da tríade consagrada à nova tópica, Narciso se *negativa* como pulsão de morte tendendo ao zero, “*duplo sombrio do Eros unitário do narcisismo*”. (Green, 1988, p.41). Finaliza-se o funeral. É posta a lápide.

Antes ainda, em *O Eu e o Id* (1923) Narciso evolui mais uma vez em suas funções e atribuições, e principalmente, no que nos interessa, se transforma em estrutura autoportante.⁵⁹ A partir do Ideal do ego edifica-se uma instância psíquica autônoma, o Superego (Simanke, 1994/2009, p.141), assim como seu precedente, fruto de identificações primárias relacionada ao narcisismo. A partir deste momento, Narciso somente sobrevive *sob os auspícios do Ideal* (Green, 1988, p.47).

Reconhecidamente o último grande trabalho teórico de Freud, *O Eu e o Id* marca também o fim da famosa *tournant* de 1920-1923 (Simanke, 1994/2009, p.136) iniciada em Além do princípio do prazer. Doravante, também como no mito do mirífico efebo, a

⁵⁹ A engenharia civil dá o nome de *elementos construtivos autoportantes* a determinados tipos de estruturas que se suportam de forma independente, dispensando o auxílio de outras estruturas, a partir de cada elemento individual que a sustenta.

personalidade⁶⁰ se divide entre antes e depois no espelho d'água da psicanálise, e essa imagem seguirá definindo outros reflexos.

Outra proposta para o aparelho psíquico surge, e no lugar do sistema inicial descrito neurologicamente no *Projeto para uma psicologia científica* (1895), traduzido para o plano psíquico (Mezan, 2003/2013, p.156) no capítulo VII de *A interpretação dos sonhos* (1900), então comparado “às camadas sucessivas de uma cebola” (Simanke, 1994/2009, p.38), de forma estratificada em *Cs* (consciente), *Pcs* (pré-consciente) e *Ics* (inconsciente), dá lugar a outro, estruturado em uma tríade, Ego, Id e Superego.

Cumprido destacar, como Freud também fez questão de frisar preliminarmente no texto, os dois sentidos adquiridos pelo termo inconsciente: o dinâmico, no sentido do mecanismo do recalque; e o descritivo, o inconsciente latente (pré-consciente). (1923, p.17) Com pertinência a tal distinção, na tradução de Paulo César de Souza é salientada a diferença da grafia de *Ics*, *Pcs* e *Cs* com letras maiúsculas, que indicam substantivos, diferenciando daquelas com letras minúsculas, que se referem a adjetivos. (1923, p.18).

Retornando à tríade da nova tópica, tratemos de seus dois primeiros elementos de forma extremamente sucinta, dado o adiantado da hora, a complexidade do tema e, em especial, a relevância do Superego para o presente trabalho.

O Ego, como já aventamos, após um certo ostracismo (Simanke, 1994/2009, p.141) desde *A Interpretação dos sonhos*, retorna ao centro da teoria muito além de seu papel de instância mais alta, agente repressor em oposição ao *Ics* e responsável pelo exame da realidade. Agora é também agente patogênico, e perde parte de sua nobreza original, o depósito inaugural da libido, antes do Ego, foi agora transferido ao Id. (1923, p.58).

O Id, por seu turno, é a instância nova, elemento indispensável para o novo dualismo pulsional. O conceito de inconsciente há muito já remetia à hipótese de um sistema psíquico, com atribuições e métodos distintos, composto pelo material recalçado que o torna tão peculiar em oposição ao Ego.

O Superego, por sua vez, já vinha ganhando corpo e sua estrutura já se encontrava esboçada nas atribuições e características próprias do Ideal do ego e seu papel de instância autônoma crítica já se encontrava delineada, assim como sua relação com os delírios persecutórios e a megalomania tão comuns nos psicóticos. Paulo César Ribeiro sintetiza essa evolução:

⁶⁰ Laplanche e Pontalis designam, no verbete Tópica, a segunda sendo como “outra concepção da personalidade”.

A relação do supereu com a psicose é clássica... Com mostramos de forma detalhada no capítulo sobre 'Psicologia das massas e análise do eu'. essa dimensão ideal da instância, com relação à qual o Eu afere o mérito de suas realizações, cede lugar, progressivamente, à dimensão interditora e punitiva, que em 1923 é designada tanto pelo termo 'ideal do eu', quanto pela nova denominação 'supereu'. (2000, p.301).

Essa dimensão interditora, de seu lado, é capaz de alcançar um alto potencial sádico consigo mesmo. Ela faz sentir o Eu abandonado e perseguido ao invés de amado (1923, p.73), afinal o Eu tenta, a princípio, se impor a todo custo ao Id como objeto de amor (1923, p.58), “de modo que para o Eu viver significa ser amado, ser amado pelo Super-eu, que também aí surge como representante do Id.” (1923, p.73). Eros é um “estraga sossego” (1923, p.74) para o Id.

Tem-se também que sendo a constituição do Supereu um precipitado de várias identificações, se estas “predominam, tornam-se muito numerosas e fortes, incompatibilizando-se umas com as outras” torna o desfecho patológico provável, como “nos casos chamados de *múltipla personalidade*” em “*que várias identificações tomam alternadamente a consciência.*” (1923, p.38)

Green leva ao máximo a transubstanciação de narciso em pulsão de morte, dedica-lhe o livro que aqui também nos serve de guia, sob a certeza “que o narcisismo perdeu cada vez mais terreno nos seus escritos em proveito das pulsões de autodestruição.” (1988, p.12):

Em suma, o narcisismo era um chamariz tão eficaz que fazia a própria teoria sofrer a sedução da qual ele mesmo era a expressão: a ilusão unitária, recaindo dessa vez sobre a libido. Freud decidiu, então, pôr fim a esta peripécia de seu pensamento propondo uma última teoria das pulsões, que opunha as pulsões de vida e as pulsões de morte.” (1988, pp.10-11)

Simanke, comungando do entendimento e exemplo dado por Green, apontam o destino das neuroses narcísicas como uma efemeridade, cuja expressão acabará por designar tão somente a melancolia, excluídas a paranoia e a esquizofrenia que “dependeriam, dali em diante de uma etiopatogenia distinta” (Green, 1988, p.12).

A fatal atração biologizante vislumbrada aqui e acolá na paisagem de nossa excursão teórica, e *densificada* em *Além do princípio do prazer*, é aqui reforçada em todos seus aspectos, chegando até mesmo ao extremo de uma pretensa função narcísica mortífera celular: “Talvez se possa qualificar também as células dos neoplasmas malignos, que destroem o organismo, de narcísicas no mesmo sentido.”

Narciso não vai só, “não há em Freud um texto que represente sua palavra final a respeito da psicose” (Simanke, 1994/2009, p.225). Contudo, suas contribuições para a

etiologia psicótica continuam vivas. As estruturas psicóticas comuns descritas por Freud, as explicações metapsicológicas do delírio (tentativa de cura) e da alucinação (produto do desejo); mecanismos-conceito fundamentais à explicação dos sintomas como projeção e identificação, perpetuaram-se e continuam híidas na metapsicologia, como a flor funérea transubstanciada. “As vicissitudes psicóticas que eventualmente marcam os encontros” ainda explicam a psicose para além de “um olhar duto”, que explicam a loucura e aprendem a lidar com ela (Ribeiro, 2000, p.199).

Não obstante a morte prematura, como no mito, em nossa epopeia conceitual, testemunhamos Narciso ser descoberto, admirado, cultivado, dissecado e adjetivado inúmeras vezes: Captação amorosa do sujeito pela imagem do outro (Laplanche e Pontalis, 1967/2001, p.288); Apagamento da marca do Outro no desejo do Um (Green, 1988, p.136); originariamente feminino por excelência (Ribeiro, 2000, p.48); cimento que mantém a unidade constituída do Eu (Green, 1988, p.10); pedra angular do sistema lacaniano (Green, 1988, p.41).

O funeral foi rápido. Optou-se por cremação. Nem a flor funérea sobrevive como lembrança. Imediatamente após O Eu e o Id, em 1924, dois textos sobre psicose, *Neurose e psicose* e a *Perda da realidade na neurose e na psicose* silenciam-se completamente sobre a memória de Narciso e sobre os caminhos por onde andou e levou consigo a teoria.

Bibliografia

- Freud, S.(1905). *Três ensaios sobre teoria da sexualidade*. Obras completas. Trad. Paulo Cézár de Souza. São Paulo, Brasil: Companhia das Letras, 2013.
- _____ (1910a). *Uma recordação de infância de Leonardo Da Vinci* . Op.cit.
- _____ (1910b). Concepção psicanalítica do transtorno psicogênico da visão. Op.cit.
- _____ (1911a). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico. Op.cit.
- _____ (1911b). *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia*. Op.cit.
- _____ (1912-1913). *Totem e tabu*. Op.cit.
- _____ (1914). *Introdução ao narcisismo*. Op.cit.
- _____ (1917a). *Luto e melancolia*. Op.cit.
- _____ (1917b). O tabu da virgindade. Op.cit.
- _____ (1917c). Conferências introdutórias à psicanálise. Op.cit.
- _____ (1920). *Além do princípio do prazer*. Op.cit.
- _____ (1921). *Psicologia das massa e análise do Eu*. Op.cit.
- _____ (1923). *O Eu e o Id*. Op.cit.
- _____ (1933). Novas conferências introdutórias à psicanálise. Op.cit.
- Green, A.(1988). *Narcisismo de vida, Narcisismo de morte*. (C. Berliner, Trad.) Escuta.
- Lacan, J. (1955-56/1988). *O Seminário, Livro 3: as psicoses*.(Trad. Aluísio Menezes). Rio de Janeiro. Zahar
- _____ (1966). *Estádio do espelho e questão preliminar a todo tratamento possível da psicose*. In: *Escritos*.
- Laplanche e Pontalis. (1967/2001). *Vocabulário da psicanálise* (4ª ed.). (Trad. Pedro Tamen) São Paulo, SP, Brasil: Martins Fontes.
- Mezan, R.(2003/2013). Freud: A Trama dos conceitos. Perspectiva.
- Ribeiro, P.(2000). *O problema da identificação em Freud: recalçamento da identificação feminina primária*. Escuta.
- Roudinesco, E., & Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise*. (Trad. Vera Ribeiro e Lucy Magalhães). Rio de Janeiro. Zahar.
- Simanke, R.(1994/2009). *A formação da teoria freudiana das psicoses*. Editora 34.